

Christo Senhor nosso; para tudo ha affectos, o que desculpa o amor, ou a conveniencia, argue o odio, ou a inveja; a malignidade humana culpa as acções feitas em honra de Deos, só porque nella tem parte a honra do proximo; nos maliciosos affectos, & nas interpeirações malignas, não ha acção, ainda sanctamente obrada, que não seja calumniosamente detrahida: curava o mesmo Senhor os doentes, & desiaõ, que violava os Sabbados: conhecia a sua sabedoria os interiores, & murmuravaõ, que no seu spirito assistião os demonios. Louvava Iob a Deos, & affirmava Eliud, que o blasfemava; castigava Iosias os idolatras, & desiaõ, que desenterrava os mortos: se as acções de Christo Senhor nosso, & as de seus Sanctos foram detrahidas, que serão as dos Reis, & as dos homens? infelice he a real felicidade! assi como lhe dizem grandes lisonjas, lhe impoem grandes calumnias: se por lisonjear a Nero, disseraõ que era grande Poeta; por detrahir a Augusto disseraõ, que deixara hum pessimo successor: Adherentes são das Magestades as calumnias, & as lisonjas, & ambas são perjudiciaes ás Magestades; hũas corrompem o entendimento, como a Domeciano, outras offendem a fama, como a Nerva, & hũas, & outras devem ser castigadas, como sacrilegios; são porem mais nocivas as lisonjas, que as calumnias; porque as calumnias se destroem a fama, não prevaricão a consciencia; as lisonjas prevaricão a consciencia, & não melhorão a fama;

fama; se a calunnia he peor que a peçonha, a lisonja he peor que a calunnia; esta he veneno amargo, a que se busca triaga, aquella he doce veneno a que senão procura antidoto: o meio destes termos he desmentir hūas, & outras; desmentir as calumnias, com seguir as virtudes, desmentir as lisonjas, com nãõ seguir os vicios; quem nãõ tẽ os vicios, que se louvãõ, & tem as virtudes, que se detraem, desmente as detracções, & as lisonjas; o virtuoso nãõ verifica o detractor, nem o lisonjeiro: fas que os louvores nãõ se jãõ mentiras, fas que as detracções nãõ se jãõ verdades: nãõ se hãõ de admittir os detractores, nem os lisonjeiros: dizendose a Augusto por lisonja, que lhe nasciaõ palmas nos altares, respondeu por reprehensão, que assi se via, que nãõ frequentavaõ os sacrificios; nem se ha de obrar, por temor de huns, nem se ha de deixar de obrar por amor dos outros; se quem amar a fama nãõ pôde desprezar a virtude, quem temer a calunnia virá a amar o vicio, obrem os Princepes bem, & nãõ importa que os homẽs digaõ mal; se os homẽs maldisserem os Princepes, Deos os bemdirá: dizia Christo a seus Apostolos, que serião bemaventurados quando os calumniaassem por malditos, os bemditos de Deos nãõ tem que temer o serem detrahidos dos homẽs; quem detesta o que Deos bemdis, he como Baal; quem he detestado, sendo bemdito de Deos, he como Israel; & se os homẽs fiserem detracções dos louvores, Deos converterá em louvores as detracções:

ãos infames libellos contra a pura hõra de Susana, succederaõ os famosos elogios de sua insigne castidade: morreu Mardocheo infamemente na Cruz, que calumniosamente levantava para Amão.

Continuouse a obra com tanta diligencia, que parece, que milagrosamente crescia, & naõ que artificiosamente se fabricava; affirmase, que de dia trabalhavão nella os officiaes, & de noite os Anjos; porque quando amanhecia a vião em maior altura do que a deixavaõ, quando anoitecera: se esta oppinião naõ foi verdadeira, grande credito he daquella fabrica, o haver tido esta oppinião porque ella fenaõ perdesse, trabalhávaõ Brittes Leitoa, & Dona Mecia, & assi se podia verificar de algum módo, que trabalhavão nella os Anjos; certo he, que estas duas Senhoras chegãraõ a trabalhar, naõ sô com o cuidado, mas com o effeito, tudo quanto era possivel ao seu sexo, & a sua capacidade.

Com esta diligencia crescia igualmente, o templo spiritual, & o material edificio, & via-se, que hum, & outro eraõ agradaveis a Deos, & desagradaveis ao Demonio: como estes anteviaõ pella idade, & pello discurso que daquelle Mosteiro sahiriaõ muitas almas, que por virtude,

& humildade haviaõ de ocupar no Ceo as cadei-
ras, de que elles se despenharaõ por maldade, &
soberba, procuravãõ que senãõ continuasse a-
quelle edificio, perseguindo a Brittes Leitoa cõ
sombros, & phantasmas lhe apparecêraõ em va-
rias fórmãs, ameaçandoa para que desistisse;
porẽm aquella mulher forte entendendo, que o
Redemptor das almas favorece o que o inimigo
dellas abomina, naõ teve temor para desistir, an-
tes fes maior o empenho de perseverar: vendo o
demonio que dos assombros senãõ seguiãõ os
impedimentos da obra, antes que de seu horror
resultava maior serviço de Deos; suggeriu a hum
poderoso, que pedisse por justiça aquella quinta
em que Brittes Leitoa havia principiado o seu re-
tiro, & como o poderoso raramente perde os lan-
ças da ambiçaõ, & se persuade que por força, ou
favor pòde alcançar o em que naõ tem ralaõ, &
justiça, naõ deixou o poderoso de perseguir a-
quella Senhora, nem a justiça de a obrigar a que
apparecesse na Corte, a donde o poder he tirano:
sempre se procura, que seja de Acab a vinha de
Nabor.

*Sendo o extremo da crueldade enriquecer o rico da
pobresa do pobre; todos concorrem a enriquecer o pobre
para*

para enriquecer o rico: não se vai o bem para quem necessita do bem; vem o mal para quem padece o mal: como os pobres se desituem, & os ricos se seguem o sequito, faz cõ q cresção os bẽs aos ricos, a destituiçãõ faz cõ q cresção os males aos pobres; porẽm Deos, q enriquece os pobres, & empobrece os ricos, exalta os humildes, & depõem os poderosos; quẽ ajuda estes trata do proprio interesse; quẽ ajuda a puelles, lastimase da miseria alhea; & como sãõ mais q os piedosos, os interesseiros, sãõ mais assistidos os poderosos, q os humildes; não ha cousa q estes não intentem, para q os seus desejos se logrem; todos se accomodãõ com o seu gosto, para desfructarem o seu poder; com esta confiança procuravãõ os Phariseus que o Baptista em odio de Christo, disse que era Messias; como quem mais pòde, he o que prevalece, o que menos pòde, he o que se despoja; se contrarasaõ ha poder, não tem poder a rassaõ; perde se a justiça do justificado; por que a vontade do poderoso se logre; foi maravilhosa a industria de Natãõ fazendo que David julgasse contra si o delito, que cometeu com Bersabet; condemnase a innocencia, por que o poder senãõ desgoste; foi condemnado Christo Senhor nosso, só por que senãõ degostasse Tiberio Caesar: isto succedeu nos Reinos injustos, donde os pequenos temem os grandes, & os grandes os maiores, não nos Reinos de Deos, donde nem os grandes sofrem aos maiores, nem os pequenos aos grandes; David ossi era Rei, que se reputa-

va por vassallo; dando Deos o poder para amparar, os
 homens o tomam para os destruir; quẽ usa mal do poder re-
 al abusa de hum dom de Deos; & quem injustamente o
 abusa, justamente o perde; porque Saul abusou do poder
 com que imperava, o transferio Deos em David, que o ser-
 via; os poderosos haõ de imitar a Deos todo poderoso, &
 naõ devem desconfiar da sua imitacõ; pois Christo Se-
 nhor nosso se lhe propõs, por exemplo, todos he rascõ, que
 facõ, o que elle fes; pois naõ exceptua pessoas, ninguem
 as deve exceptuar; elle mesmo quis, que se desse a Cesar,
 o que era de Cesar, & a Deos, o que era de Deos, & naõ
 que se desse a Cesar, o que era de Deos, nem o que era de
 Deos a Cesar; devendo os homens deixar a humildade,
 pella grandeza, naõ a sabem deixar; quem quizer seguir
 este dictame, naõ faça injuria aos pequenos, por se acomodar
 com o gosto dos grandes; faça justiça aos grandes,
 sem fazer injuria aos pequenos; se Cesar quizer que dei-
 xem a Deos por elle, deixe por Deos a Cesar; & esse he
 o verdadeiro dogma de seguir a grandeza; se o que he
 muito poderoso he muito respeitado, porque naõ deve
 ser respeitado o que he infinitamente poderoso? se se-
 temem os Reis dos homẽs, como se naõ teme ao Deos dos
 Reis? se elle foi firmidavel no humilde presepio, que
 serà no Tribunal divino? se tremendo o temeo Herodes,
 muito mais o devem temer os homens julgando; desen-
 ganese, quem he Cesar, & quem he nada, que se sendo
 nada

nada, fas a vontade de Deos he tudo; se sendo César não fas a vontade de Deos, he nada: os pequenos que vivem, segundo Deos, são grandes; são pequenos na humildade, mas são grandes na bemaventurança: serão escravos da fortuna no mundo, mas são domesticos de Deos na gloria; os grandes que não vivem, segundo Deos, são pequenos; se são grandes na grandesa, são humildes na servidaõ; serão Monarchas no mundo pella fortuna, mas são escravos do demonio pello peccado; & que importa a grandesa do mundo, a que se póde seguir a escravidão do Inferno; o que importa he que o gosto do poderoso não seja injuria do humilde, & que o grande se julgue como o pequeno; porque a sentença não condemne mais aquelle q̃ a profere, que aquelle a quem condemna; quem rouba a justiça alhea, condemna a alma propria.

Sentio ella esta litigiosa perturbação, porque havia de ser notavel detrimento da sua obra, & porque tendo fugido da Corte, para a solidaõ, a obrigava a tornar da solidaõ para a Corte: quem se habitua a estar com Deos, não sabe estar em outra parte: porém armada de paciencia sancta, confiada no amor divino, vestida em seus humildes trages, acompanhada de hum criado, & de hũa mulher, cadaqual de maior idade, & particular virtude se foi a pé à Corte, aonde causou

universal admiração, sendo desconhecida, pella sua esttanhesa, aquella que por sua virtude era taõ conhecida, agasalhouse no Paço a rogo das damas, que para isso ouvéraõ licença de ElRei, vendo cadahũa naquella penitente Matrona, que ordinariamente aonde florece a virtude naõ reverdece a fermosura, & que nos corpos, a que fas cadaveres a penitencia, vivem as almas cõ maiores alentos de gloria.

Começada a demanda, foi Deos servido mostrar que a rafaõ estava da parte menos poderosa, que ainde que o poder a trouxera arrastrada, naõ pudéra arrastrar a justiça: mas naõ lhe custou pouco este injusto letigio, porque lhe occasionou huma grande doença: tanto que se vio melhorada, tirando força de sua debelidade, se tornou antes de convalescida, deixando na Corte grande confusaõ, & saudade, & achando no seu Convento grande consolaçaõ, & alegria; quando chegou, estavam algũas obras em sua perfeiçaõ, & como havia maior commodidade na clausura, tomou mais seis Religiosas à instancia de Dona Mecia Pereira, a quem Deos chamou para si no anno da approvaçaõ, em que professo morrendo: distando taõ pouco a profissaõ da morte quasi póde diserse, que tendo o novi-
ciado

ciado na terra, foi fazer a profissão no Ceo, cren-
do a piedade christãa, que sendo ella a primeira,
que teve gloriosa morte naquella sancta Congre-
gaçãõ, cre tambem, que foi a primeira della, cujo
nome se escreveu no livro da eterna vida.

Como não se perde sem dõr, o que com amor
se possue, causou a morte de Dona Mecia gran-
de pena a Brittes Leitoa, & o sentimento de sua
falta a applicava mais ao serviço de Deos; por-
que com esta applicaçãõ deminuia o seu pesar, &
fazendo pella difunta o que ella havia de fazer vi-
va, o persuadirse que o fazia por ella lhe sirvia de
alivio: licito era o devittimento, que a respeito
da magoa, era finesa, & em ordem ao serviço de
Deos obsequio.

Como a obra senão enterrompeu, posse em
sua perfeiçãõ o Mosteiro, & tratou a Fundadora
que no primeiro dia do anno seguinte se fechasse
a clausura, & entrassem as companheiras em no-
viciado, para professarem dia do nome de Jesus,
do outro anno, por ter assentado com Dona Me-
cia, que este Sanctissimo nome fosse o Orago da-
quelle Religiosissimo Convento; porèm o Ange-
lico Padre por cuja prudencia corria a direcção
daquelles spiritos Angelicos, dispòs que a cere-
monia de tomarem o habito, se fizesse em dia de

Natal daquelle anno , & de se fechar a clausura no dia da Circuncisaõ do anno seguinte . Como dos animos bem morigerados , & doces he conformaremse com os conselhos pios , & prudentes, todas receberão com muita uniformidade , o que o Mestre de seus spiritos lhes disse, com boa consideração : quem senão accomoda com os mestres do spirito , não o tem para se sacrificar á vontade alhea : como a resignação he sacrificio, não o fas quem não tem resignação : a obediencia de Abrahão na vontade importou tanto , como se sacrificàra a Isac com o cutelo.

Chegado o dia de Natal, amanheceu o Angelico Pe^o no Cõvêto, & despostas as cousas cõvenientes, se fiserão nos dias finalados as destinadas ceremonias, com o culto, cõ a piedade, que pedião hũ, & outro sacrificio, & principiando fausta , & divinamente a clausura daquelle Convento , o primeiro dia do anno de mil quatrocentos sessenta, & sinco, lhe ficou o Santissimo nome de Jesus por Orago, conseguindo ao diante por sua Santidade, tão grande nome, que cadaves fas maior a congruencia, que tem com a sua Invocaçãõ.

No dia seguinte foi a Padroeira elleita Regente do Convento , porque a sua authoridade lhe deu a preferencia : justamente precedem nos

lugares, os que precedem nas virtudes : por isso David precedeu a Eilab : elegêrão-se todas as outras officiaes com a mesma ponderação, & fechada a clausura, vinha o Angelico Padre cada dia fazer capitulo, aonde ensinava as ceremonias da Ordem, & as doutrinas do espirito; & encomendando que não fizessem o Convento confraria de melindres, ou communiidade de delicias, porque se no seculo se sofria tanto por amor do mundo, muito mais se havia de sofrer na Religião por amor de Deos.

Passado o anno do noviciado, forão approvadas todas para fazerem profissaõ : não podião deixar de o ser para Religiosas, as que vivião religiosamente, antes de noviças; porèm no dia do nome de Jesus professarão sómente as duas irmãs, Ignês Alvares, & Isabel Rodrigues, & a mesma Regente, que depois de professa foi elleita Vigaira, passando o titulo do seculo ao da Religião.

Acho-se ElRei naquella sazaõ na Cidade do Porto, & tendo noticia do estado do Convento, assi como o honrou com a assistencia na sua erecção, quis authorisar a profissaõ com a sua presenca; em ordem a esse fim, mandou escrever à Prelada, que deferisse aquelle acto, até elle ser presente

sente, & em a vespóra do Domingo da Epifania, chegou, para no dia seguinte assistir ao sacrificio; como tudo o que era necessario para a solemnidade estava prompto, ditto a Missa de Pontifical, & feito hum grave Sermão se levantou El Rei do lugar em que estava, & posto em pé junto á grade da Igreja, assistio á profissão das Religiosas, com toda a devoção, & enternecendo a vista daquelle sacrificio o coração dos circunstantes, foi o seu, o que nas lagrimas mostrou maiores indicios de sua ternura.

Disem que as lagrimas são indignas dos Príncipes, & he certo, que são dignissimas dos Príncipes as lagrimas; tanto são estas mais dignas, quanto são mais dignos aquelles; as lagrimas, ou se chorão por dor da culpa, ou por desejo da gloria; & de hũa, & outra sorte as devem chorar os Príncipes: as primeiras chorou David, as segundas Daniel; como não hão as lagrimas de ser dignas dos Príncipes se são doës de Deos; todas as vezes q' rimẽ os peccados dos homẽs, tem vezes da paixão de Christo; se os peccadores suspirão, & chorão Deos os consola, & os inspira: pos David as suas lagrimas aos olhos de Deos, & pos Deos os olhos nas lagrimas de David: melhor se ouvem as lagrimas de quem chora, que as vozes de quem clama; porque nas vozes pôde sô expremir se o que se imagina,

gina, nas lagrimas sempre se diz o que se sente, nas vozes pôde só falar o entendimento sem compunção; nas lagrimas fala a compunção, & o entendimento: pedia David a Deos, que desse ouvidos a suas lagrimas, porque quem com olhos chorosos olha para o Ceo, he ouvido do Ceo com piedosos ouvidos: olhando Susana para o Ceo chorosa foi soccorrida do Ceo como innocente, quem dá por Deos o sangue das lagrimas, não lhe dá menos, que o sangue das veas, antes lhe dá mais; porque o sangue he pranto do corpo, as lagrimas são sangue do coração; se o corpo ferido lança sangue, o coração ferido verte lagrimas; não só forão martyres os Innocentes, tambem o forão as mães, aquelles do sangue, estas do pranto: as lagrimas que se chorão por amor de Dees, não são descredito de quem as chora: David por chorar suas culpas, não deixou de ser o que triumphou dos Phelisteus: São Pedro por chorar amargamente o seu peccado, não deixou de ser a fundamental Pedra da Igreja, antes os que chorão por amor de Deos, mostrão mais valor entre os homens: o mesmo David que chorou o homicidio de Urias, foi o que defendeu a Arca do Testamento; o mesmo São Pedro que chorou a sua negação, foi só o que puxou pella espada para defender a Christo: quem chora pellas cousas do mundo, não lhe cabem no coração a felicidade, ou infelicidade; quem chora pello amor de Deos, não lhe cabe na alma a dor, & a contrição; ser o coração menor,

que a felicidade, ou infelicidade, he pusilaminidade humana; ser o coração menor que a dor, & a contrição, he generosidade christãa, & se nenhum homem por não ser humanamente pusilamine, deve chorar por amor do mundo; todo o catholico por ser christãamente generoso, deve chorar por amor de Deos: quem offender como David, & como Pedro, deve chorar como Pedro, & como David; porque as lagrimas do arrependimento lavão as manchas da culpa; as lagrimas do amor purificão o sacrificio da innocencia; para chorar por arrependimento os peccados, bastava abraçar se o demonio mais nas nossas lagrimas, que nas suas flamas; para chorar por amor de Deos, bastava haver Christo Senhor nosso chorado por amor de nós; para chorar bastava saber se, que o mesmo Senhor chorou, & nunca rio, chorou no Presépio, chorou no Triumpho, chorou no Pretorio, chorou na morte de Lázaro, chorou sobre Hyerusalem, chorou no Calvario, não orou, sem que chorasse. Isac sendo riso, abriu pozos de lagrimas; quem as semea colhe exultaçoens, chorando Daniel, chorando São Ioaõ, lograrão visões admiravelmente misteriosas; chorando muitas lagrimas, apparecerão á Magdalena os Anjos, regando os pés de Christo cõ ellas, colheo os fructos de sua penitencia: ao sentido prãto dos Apostolos se seguiu o gosto da Resurreição de Christo; as lagrimas de Ezechias lhe prorogãrão os alentos: se estes são os poderes das lagrimas, & se as lagrimas estão

collacadas sobre o Ceo, ninguém deve deixar de chorar arrependido, como São Pedro; ninguém deve deixar de chorar ancioso, como Isaias, ninguém deve deixar de chorar com Christo, & por Christo, para quem os olhos que são fontes de pranto, são mais agradáveis que as fontes que regaõ o paraíso.

Feita a profissão, começou o Convento a florescer na perfeita observancia, como a Prelada era prudente em ensinar, & dispor, eraõ as subditas promptas, & humildes em aprender, & servir: todos os dias havia Capitolo, porque não fosse necessario em algum; trabalhavão todas com muita charidade, sem haver no Convento quem por lhe poupar o trabalho, as ajudasse a fazer o serviço: faziaõ a cozinha ás semanas; porèm essa era a menor occupação; porque a abstinencia quasi fazia inutil aquella officina; se a não acendia o fogo da charidade para com as doentes, quasi sempre a tinha sem lume a abstinente mortificação das saãs: tratavãose taõ sem regalo, que nas doenças senão admitia o mimo, estavam occupadas com tanta frequencia, que quando vagavão ás occupaões de Religiosas, não deixavão os exercicios de mulheres fortes; levavão a roca até a porta do choro, para a tomã-

rem, quando tornavão para a cela, não se eximindo a Prelada deste trabalho; porque às subditas lhe não faltasse este exemplo, ao Sabbado pedia conta a cada hũa do que trabalhava pella semana, & cadaqual a dava tão boa, que recebia o louvor por premio; & se acaso se necessitava de reprehensãõ, era tão amorosa, que se não sentia como injuria, antes se estimava por charidade: as vigalias, os jejuns, as penitencias eraõ tão frequentadas, que mais se necessitava de advirtir a moderaçãõ que de exortar para o augmento: não havia mais que hũa pequena grade com hum ralo de ferro, cuberto com hum pano negro, aonde nunca chegavão os estranhos, porque se evitavão té as visitas dos paes.

De esta sorte deviãõ ser todos os Conventos; mas he certo q̃ não sãõ todos desta sorte: as que em sua casa não viãõ, nẽ eraõ vistas, sãõ vistas, & vẽ na casa do Senhor; he hoje menor a liberdade do mundo, que a da Religiãõ: esse infernal paradoxo necessita de huma reformaçãõ celestial; porque Deos não mande os castigos com que zella a sua honra, necessario he hum Elias, que zelle a honra de Deos; he o Senhor zelosissimo de suas Esposas, se elle não quer que as vejam, não devem ellas querer ser vistas: dos filhos de Deos verem as filhas dos homens se seguiu
Jerem

serem mãos seus pensamentos ; pedia a alma Sancta a seu Divino Esposo, que lhe dissesse, adonde estava ; porque ella não vagasse por onde se visse ; as Esposas de Deos não haõ de ver, nem imaginar : Iob que professava a pureza, nem imaginava, nem via ; não haõ de ver, nem ser vistas, nem por imaginação ; E assi será, senão virem, nem forem vistas dos olhos, não imaginarão, no que não virão, não as imaginarão, se as não virem ; E faltando estas vistas, não se adulterarão os coraçõens : se Deos attende tanto ao decoro de seus Prophetas, que secou a mão a Gereboão porque a estendeu contra Gad ; se assi zella o templo material, que lançou fora a açoutes os que o profanavão com negoceaõs, que mal não será castigo dos que adulteraõ as suas Esposas ? que açoute não cairá sobre os que profanão o templo do Spirito Sã. to ? que mal não será castigo das que sendo templo do Spirito Sancto se fazem covas de ladroens ? que açoute não cairá sobre as que tendo o anel do Divino Esposo, recebem arras do spirito profano ? moradores são de Sodomia os que pretendem profanar a pureza dos Anjos : o fogo do Ceo he o castigo desta profanidade ; este he o castigo, que podem temer os que profanão a pureza dos Anjos ; qual será o dos Anjos que chegão a profanar a pureza ? corrupta a alma, não se conserva a castidade ; bem podem os corpos ser incorruptos, sem que sejam as almas puras, assi como o Sol seca as flores dos jardins da ter-

ra, abraça a concupiscencia as flores do Paraiso da Castidade; ser virgem, & conceber os dragões, he ser Minerva: não basta a profissão da pureza sem a essencia da castidade; ter o vestido religioso, & o animo secular, he caçar no animo, & professar na Religião: as que não temem os congressos, amão os perigos; & quem ama os perigos perecece nas occasioens, a solidão he throno do pudor, o silencio a classe da pudicicia; as que introdusem no seu cubiculo o Rei dos Reis, não haõ de entrar no locutorio dos homẽs; tão perigosa he esta cõmunicaçãõ, que se julgou por mais admiravel não se abrasir Ioseph no fogo de Aisane, que sairem os tres moços illesos do forno de Babilonia; se para se vencer se ha de fugir, quem não fugir não poderá vencer; baste de evitar o trato, em que consiste a guerra: não quis Eliseu doctriualmente falar a Sunamite des, mandoulhe falar por Geesi; quando Bersabeth foi falar a David, não esteve na sua presença Nataõ: & Christo Senhor nosso, sendo impeccavel, por ensinar a mesma doctrina, não quis entrar só, nem adonde estava a filha de Iairo morta; bemaventurado o Convento adonde a clausura he encerrar com Deos, & fechar para com o mundo: infelice aquelle, adonde a prisãõ religiosa, he soltura para a liberdade profana; não ha mais deploravel mudança, que faerse hũa Esposa de Christo, escrava do demonio: não devia ter trato algum humano, a que tem Esposo Divino; se o ser Religiosa he sair do mundo,

mundo, para viver na Religião, indigna cousa he, entrar na Religião para viver no mundo; quem tem o mundo, no mundo, parece que tem desculpa nelle; quem tem o mundo na Religião, nella faz maior a sua culpa; porque vai acrescentar os defeitos no estado, que busca, para as perfeições; quem tem o mundo, no mundo, vai ao inferno, pelo caminho do inferno; quẽ tẽ o mundo na Religião, vai ao inferno pello caminho do Ceo; & por nenhuma via devem ir a Babilonia, os que só devẽ caminhar para Hye-rusalem.

Com esta religiosa observancia ganháraõ o Convento, & a Vigaira tão grande nome, que o Vigairo géral da Reformaçaõ a ellegeu canonicamente em Priorisa, & como a odorifera fama da sanctidade florescia tanto, que o seu suave cheiro rescendia no Reino todo, era importunada pelas mais illustres Senhoras, para que recebesse suas filhas, & irmãas, & tomando logo algũas, lançou o habito a hũa filha de Dom Duarte de Meneses, primeiro Conde de Viana, & de Dona Isabel de Castro, sua segunda mulher, foi esta Senhora a quem chamáraõ Dona Leonor de Meneses, criada com grandes favores da fortuna, porẽm illustrada das inspiraçoẽs do Ceo, quando o mundo lhe dava as maiores esperanças, dei-

xou as maiores esperanças do mundo ; como esteera o que dava , não quis ser a que recebesse: estando destinada por Esposa do Serenissimo Senhor Dom Fernando, terceiro Duque da Real Casa de Borgança , se escusou daquellas bodas, por ser Esposa de Christo ; muito foi o que nel-las deixou ; porèm foi pouco a respeito das que conseguio ; que thalamo se póde comparar com o Anel das arras do divino Esposo ? que fecundidade póde haver tão felice, que seja comparada com a pureza Angelica?

Estando esta illustre Senhora ainda no seculo, & sabendo esta Sancta Princeza, que ella tinha Celestiaes intentos, como a semelhança da inclinação, he conciliação dos animos, logo a amou affectuosamente, & occultamente lhe escreveu, dandolhe noticia de seu religioso disignio, & pedindo a dos Conventos de maior reformação as que eraõ parentas no Sangue, fiserãose irmãas no espirito.

Tendo esta Senhora depois de grandes contradicções de sua mãe, & de seus irmãos Dom Garcia de Meneses, Bispo de Evora, & do Conde de Tarouca Dom João de Meneses Prior do Crato licença para entrar na Religiaõ, não costumando sair de casa, foi ao Paço com honestissima decen-

deencia via visitar a Princeza, recebeua esta com
 fpirital alegria, & fechadas ambas no feu Orato-
 rio, tratãraõ de suas fanctas resoluçoens, sendo
 as coufas, que resolviaõ de Deos, dignamente o
 fasiaõ na Casa do Senhor.

Como he impossivel, ainda no aposento mais
 fechado, não se ver a lus do Sol por algum ref-
 quicio, não pôde o segredo mais occulto, deixar
 de dar de si indicio manifesto; assi começou logo
 a haver no Paço suspeitas de que Dona Leonor
 tratava com a Princeza de a levar para a Reli-
 giaõ; a fancta vida desta, & o conhecido spiri-
 to de aquella persuadião a que ambas querião fa-
 zer a mesma vida, de que resultou tomarem as
 criadas da Princeza grande aborrecimento a Do-
 na Leonor, & a suas criadas, & quando estas hãõ
 ao Paço procuravaõ que as não deixassem entrar
 os porteiros; porque o defengano não entrasse
 no Paço, mandavaõ fechar as portas ao defenga-
 no; porém, como os spiritos lenãõ impedem, não
 poderaõ as diligencias impedir estes spiritos, &
 concluiuã a Princeza, & D. Leonor, como q̄ ef-
 tiveffe no Convento de JESUS de Aveiro a
 avifasse de tudo o que pertencia á Relligiaõ, dif-
 eretos haviaõ de ser os avifos, que de Relligiosos
 fazião profiffaõ de Santos.

Despedida Dona Leanor, visitou a Princeza o Convento de S. Dinis de Odivelas, da Ordem de Cister, magnifica obra de El Rei Dom Dinis, mas ainda que achou nelle grande relligiaõ, naõ o elegeu; porque desejava maior aperto, & tendo por repetidos avisos de Dona Leanor, que ja estava no Convento de JESUS de Aveiro certas noticias, que nelle florescia a antiga observancia da Religiaõ Dominicana, & que na sua estreiteza podia voar mais altamente o seu espirito, fes firme preposito de professar nella, bem entendia, que se lhe haviaõ de oppor montes de difficuldades, mas nem por isso se acobardava; animavase a padecer para ter mais que sacrificar, estimando achar maiores opposiçoẽs na vitoria, para que Deos tivesse maiores louvores no triumpho; de logo, como se ja largara o seculo, & entrara na Religiaõ, dispos prudẽtemẽte as suas cousas, despachou ventajosamente com El Rei os Fidalgos, que a serviaõ, dotou liberalmente as Damas que a acompanhavaõ, mostrando na liberalidade a principal virtude do Principado.

*Todas as virtudes sãõ mais dignas dos Princeses, que dos outros homẽs; tanto mais dignos sãõ os Princeses, quanto tiverem maiores virtudes: a liberalidade po-
rẽm*

rêm he, a que mais lhe compete ; quem domina sò com o
 poder, domina os corpos ; quem domina com a liberalida-
 de, domina os coraçõs ; E quem não domina os coraçõs,
 não importa que domine os corpos ; quem disse Príncipe,
 disse hum Alexandre ; se os dias em que deixão de exe-
 cutar justiça, são dias que se mallogrão ; os dias em que
 deixão de fazer merces, são dias que se perdem ; assi o
 sentia Tito, E por isso era dilicia do povo Romano ; não
 pôde deixar de ser dilicia do seu povo o Príncipe de li-
 beral condiçãõ : ração he porém que esta virtude não de-
 genere em vicio ; porque não ha maior infelicidade que
 preverter em vicio a virtude ; fazer do optimo pessimo, he
 ser chimico da maior perversidade ; não passe a liberali-
 dade a profusão, não retroceda a temperança á avareza ;
 base de dar o que he ração que se dê ; o que não he ração
 que se dê, não se ha de dar : deu Christo Senhor nosso as
 chaves a S. Pedro, porque era ração que lhas desse : por-
 que não era ração que lhas desse, negou as cadeiras aos
 filhos de Zebeden : se o Príncipe der o que não he ração
 que dê, será prodigo, se não der o que he ração que dê, se-
 rá avarento ; se der o que deve dar, E não dar o que não
 deve dar, será liberal ; se der tudo, exhaurirá o erario ; se
 não der nada, inutilizará o poder ; se der o que deve dar,
 utilizará o poder, sem defraudar o erario : mas quem dará
 regra á liberalidade do Príncipe, para que ella satisfaça
 á ambiçãõ dos homẽs, se elles se não satisfazem com o que

lhes dão, em quanto lhes não dão o que querem; se a dadiua não he da medida da ambição, não basta que seja da medida do poder; o que he dilicia dos parcos, he escandalo dos ambiciosos: Galba foi escandalo dos ambiciosos; Nero dos parcos: se se der aos ambiciosos o que elles querem, não se dará aos benemeritos o que elles merecem: mas satisfaça-se o merecimento dos benemeritos, ainda que se queixe a immoderação dos ambiciosos; a queixa da immoderação he só calumnia, que não ouve Deos; a queixa do merecimento he clamor que Deos ouve; e não se de desprezar as calumnias que Deos não castiga, só se haõ de advertir os clamores a que Deos attende: de forte se excedeo a ambição humana, que se não dão os homẽs por contentes se o Principe dando a cada hum o que lhe deve, dá a alguem mais do que merece: entendem que para elles he injustiça o que para outrem foi graça; sendo que o que he graça, não serve de exemplo para a justiça: não se queixava Rubem de Ioseph lhe dar hũa stola, dando siuco a Benjamin; a quem se dá o que se deve, não tem justiça para pedir mais, porque se deu a outrem mais do que merecia; ninguem tem justiça para conseguir o que he graça: injustamente pedirão os trabalhadores do Evangelho ao Pae de familias maior stipendio depois que virão que elles lhes igualara outros por favor. Como podem satisfazer os Principes aos homẽs, se hũs tem por injuria o que he favor dos outros; ainda que os

quei-

queixosos não têm justa causa de sentimento, tem occasionado pretextos para a queixa; assim prudentemente têm os Príncipes de advertir em não distribuir desigualmente; as merces têm-se de distribuir, não se têm de amontoar; não he liberalidade o que se dá sem prudencia; o que sem modo, e ponderação se despende, he profusão, ou jaçtancia; não têm de dar a quem não merece, a quem merece, he que têm de dar; não têm de dar pouco a quem merece muito; não têm de dar muito a quem merece pouco; se derem a quem não merece, ha de ficar hum exemplo para o indigno; se não derem a quem merece, ha de ficar queixoso o benemerito; se der pouco a quem merece muito, ficarão devendo a remuneração ao merecimento; se der muito a quem havia de dar pouco, será injusta a distribuição do premio; e os Príncipes não têm de dar exemplo para a ambição dos indignos, nem justa occasião de queixa aos benemeritos; nem têm de ser devedores do merecimento, nem prodigos do galardão: quem dá ao digno, dá a todos; quem dá ao indigno, a nenhum; quem dá ao digno, alimenta as virtudes; quem dá ao indigno, alimenta os vícios; hum bom premiado faz muitos bons; hum mau premiado faz muitos maos; quem dá aos bons, faz he bem, porque lhe dá com que exercitar a benevolencia; quem dá aos maos, faz he mal, porque lhe dá com que executem a maldade; quem dá aos dignos, faz agradecidos; quem aos indignos, faz ingratos; não póde ser ingrato o benemerito;

não pôde deixar de ser ingrato o indigno; quem sabe merecer, sabe agradecer; quem não sabe merecer, não sabe agradecer: se se der igualmente aos dignos, & aos indignos, ou mais aos indignos, que aos dignos, hão de ter estes por injuria a igualdade, ou excessão daquelles; & não se deve injuriar a hūs, por agradar a outros.

Neste tempo tendo a Princeza dezoito annos resolveo El Rei Dom Affonso quinto seu pae, para maior louvor do nome de Deos, & mais gloriosa exaltação de nossa Santa Fé catholica, passar com hum poderoso exercito às partes de Africa, para o que pedio a Bulla da Santa Crusada ao Summo Pontifice, & conhecendo elle o catholico intento de El Rei, lha concedeo com piedosa benevolencia; tanto que foi publicada, concorreraõ do Reino todo á Cidade de Lisboa aquelles que se quiserãõ alistar para a santa Cõquista, a quem o Arcebispo, que então era Commissario geral, dava hũa Crus, que punhão no peito, ou no ombro; & El Rei, & o Principe seu filho com toda a Corte foraõ á Sé, aonde a tomação com piedade devota, & a empresa se proseguio com zelosa actividade.

Tanta estimação fazia El Rei da Princeza, tanta confiança de sua prudencia, que a deixou por

governadora do Reino, dandolhe por adjunto Diogo Soares de Albergaria, Aio do Principe Dom Joaõ, em cuja pessoa concorrião todas as qualidades decorosas, & outras partes convenientes para hũa, & outra função; nem o decoro, sem a sufficiencia, nem a sufficiencia sem o decoro bastaõ para as grandes occupaões, para hum sujeito ser digno das grandes occupaões ha de ser composto de muitas partes.

Tanto que a Princesa soube que ElRei, & o Principe se preveniaõ para a jornada, como naquelle tempo, naõ só com o sentimento da morte, mas com qualquer occasiaõ de sentimento, se vestia luto, por se livrar das galas que aborrecia deixou de trafer os vestidos que costumava, & tomando por pretexto a ausencia, se vestio de negro, & se toucou sem galantaria, por fafer estas gentilezas com Deos, fazia consigo estes desprecios.

Partido ElRei, ficou a Princesa com grande saudade: porèm nunca este internecido affecto a divertio do Regimen publico, antes applicandose à occupaõ em que ficara, em tudo satisfes a expectaçaõ que della se tinha, em quanto durou a Conquista socorria com oraçoõs aos que pelejavãõ com as armas, de sorte que a piedade attribuio

as victorias, mais ás deprecaçoẽs que ás façanhas; as dos Portuguezes foraõ sempre taõ maravilhozas que nunca deixarãõ de parecer milagres.

Passando ElRei a Affrica, conquistou Tange-re, & senhoreou Arzilla, com o que fazendo em armas ditoso o proprio nome, cõseguiu o glorioso renome de Affricano: trouxerãõ à Princeza estas noyas, estando, como costumava, no seu oratorio; & assi como the entãõ pedia a Deos com oraçoẽs o successo, com louvores lhe agradeceo a victo-ria; como de nenhũa cousa tinha maior desejo que de entrar na Religiãõ, sempre andava pedin-do a Deos lhe desse meio para o conseguir; & o Senhor, que aos bõs desejos sempre consegue fellices fins, naõ faltou a este intento santo com occasiãõ opportuna.

Sabendo a Princeza que ElRei, & o Principe eraõ chegados, pareceulhe que aquella era a fa-zaõ em que podiãõ tomar porto seus desejos; & resolvendose em festejar com todo o aparato o triumpho, detreminou tambem obrigar a ElRei a que como Jepte fizesse della sacrificio.

Como tinha distribuido todos os vestidos de gala, & se achava sem mais que os que trasia de luto, mandou buscar com que se vestir de festa em demonstraçoõ de alegria, & naõ se achando

DA PRINCESA D. JOANNA. III

naquella occasião tellas na Corte, se vestio de velludo verde, significando na cor do vestido a esperança do animo.

Depois de orar a Deos que propiciaffe seus intentos, cobriu os cilicios de seda, & as tunicas de faco com reais vestiduras, adornouse com preciosas joias, & com este aparato da galhardia, que era dissimulaçãõ da penitencia; & sobre tudo cõ a sua natural graça, & admiravel fermosura, que parece se estremaraõ naquella hora, para augmẽtarem por sua acçãõ, á eloquencia, efficacia ao rogo sahiu a receber os vencedores, & depois de abraçar humildemente a ElRei pelos pés, & lhe bejar reverentemente as mãos lhe disse.

Rasaõ he Senhor, que os grandes Reis, conseguida algũa empresa insigne, agradeção a Deos a victoria com a melhor offerta de seu animo, & que igualmente fação merces aos que em honra do triũpho buscãõ a occasiãõ da magnificencia, ardua foi a empresa que Vossa Alteza cometeu, gloriosa a victoria que conseguiu, obrigado esta como Princepe taõ pio, & taõ catholico a agradecer a Deos taõ insigne conquista, vencimẽto taõ heroico, & a não negar as merces a quẽ opportunamente lhas pede; & pois a offerta que se fas deve ter algũa proporção com o beneficio
que

que se recebe, seja hũa filha a offerta de taõ finalado beneficio, dedicãdome Vossa Alteza a Deos em hum Convento: & eu sou a mesma que justamente peço a Vossa Alteza, que fazendo de mim este sacrificio, me faça esta merce; & da piedade de Vossa Alteza para com Deos, do amor que sempre usou para comigo, espero pague a Deos o que lhe deve, & me conceda o que lhe rogo.

Suspensos, & atonitos ficarão os circunstantes, vendo a fermosura, & ouvindo a petição da Princeza, & logo se lhes vio no rosto com a admiração o descontentamento, ainda que lhes pareceo digna de se offerecer a Deos, entenderão que não devia renunciar o mundo, porque implicavão as conveniencias politicas com as determinações piedosas, & sem ser Religiosa podia ser Santa; verdade he que a santidade se não vincula a hum sò estado, mas tambem he certo que para ella he melhor o da Religião, que o do seculô.

Estas razoões embarçarão a resolução de El-Rei, & o amor que o persuadia lhe concedese, o instigava que negasse a Princeza o que lhe pedia; mas como o que mais ama, he o que menos resiste, veio a vontade a condecender com a petição; não pode o amor de pae negar o que pedia o amor da filha, & lançandolhe com lagrimas de

ternura os braços ao pescoço, & lhe concedeu a licença que lhe desejava negar, sendo officiosa permissão, o que era vontade involuntaria.

Como os Senhores que acompanhavão a El-Rei não esperavão que concedesse aquella licença á Princesa, to-los a reclamação, protestando que a não consentião, porque os Princepes de que dependia a Coroa, não podiaõ dispor de si, em damno do Reino: porèm a Princesa chea de celestial contentamento, com desprezo da ração de estado, inclinada de novo beijou exteriormente a mão a El-Rei, em penhor da merce que lhe fazia, & interiormente deu graças a Deos do favor que d'elle alcançava: porque se mal logra tudo, o que a Deos se não agradece, segurava no agradecimento o logro.

Como a Princesa era tão prudente, não quis perturbar os aplausos de aquella victoria, com as magoas da sua ausencia: passados porèm algũs meses, offerecendofelhe hum dia occasião de falar a El-Rei, lhe lembrou a licença que lhe dera, & a merce que ella aceitara, ouvio elle com susto o que a Princesa lhe pedio com alegria, & replicou ao que tinha concedido, como se o ouvera negado, dandolhe aquellas mesmas rasoẽs para se não recolher, que ella lhe havia dado para

naõ casar, porèm ella satisfes a todas estas objecções, com taõ cabais repostas, que ElRei que a queria persuadir, se chegou a convencer, & entendendo que com as rasoës do mundo se naõ podião obviar as resoluções do Ceo, lhe disse, que o seu animo naõ era estorvar a sua resolução, mas saber o Mosteiro que escolhia para seu recolhimento.

Vendo a Princeza o estado daquelle negocio, & que era melhor levalo a fim por partes, & naõ de hum só jacto, porque daquella sorte seria mais suave, de outra muito violento, respondeu que de presente determinava ir para o Convento de Odivelas, cuja clausura tinha visitado, mas não escolhido; & que para entrar livre de cuidados do mundo, mandasse Sua Alteza encarregar a quem lhe parecesse as cousas do Paço, que ella no novo estado de sua vida, naõ havia de levar consigo, senaõ as pessoas que na clausura ouvessem de viver á sua semelhança; naõ quis levar o seculo para a Religião, porque quem o leva profana a Religião, & não purifica o seculo.

Tanto que se divulgou esta resolução na Corte, toda ella se encheu de tristeza, choravão a ausencia da Princeza, como se lamētaraõ a sua morte, o seu recolhimento, como a sua sepultura; po-

rèm ella tinha estas exequias por jubilos, & como a sua condição era dotada de suavissima benignidade, chorando de gosto de satisfazer o seu desejo, tambem chorava de pena de se sentir a sua separação, vertendo seus olhos no mesmo tempo doces, & amargosas lagrimas: nas cousas humanas o gosto se confunde com o pesar, a pena com o contentamento: na reedificação do templo, no mesmo tempo, cantavão hús, & choravão outros.

Consolando as pessoas suas familiares, lhes dizia, que não era razão se lamentasse o que se devia festejar; que a sua ausencia lhe não faria falta, pois ficava a magnificencia de El Rei para seu amparo, & que para parte hia aonde melhor as podia ajudar, rogando a Deos as quisesse favorecer; mais officiosos são os rogos que se fazem a Deos, que todos os bõs officios que se fazem no mundo; porque os bõs officios não excedem o poder humano, os rogos alcançaõ muito do poder divino: faltando ao povo de Israel a agoa no Deserto, tiraraõ os rogos de Moyfes das pedras agoa.

Com aquellas rasoës pertendia a Santa Princesa consolar a saudosa familia; porèm ella não achava algum alivio, antes a persuasão crescen-

tava a magoa, nos extremos da ternura, o que se dis para consolação, resulta em lastima; por impedir as que sua ausencia havia de causar, sendo publica, resolveu fosse occulta; não quis q̄ a vissem hir; porque não haveria quem quisesse ficar.

Em hũa noite acompanhada de cinco pessoas, duas das quais eraõ as Secretarias de suas penitencias, & tres destinadas para seu serviço, se partio, deixando a Corte igualmente faudosa de sua presença, & admirada de sua resolução: a admiração não impedio, antes augmentou a faudade; a mudes de hum affecto acrescentou o sentimento do outro.

Chegada ao Convento; porque nelle vivesse, como quem não estava no mundo, fes entender que não vivia no mundo, depois que estava no Convento: desta forte hia guiada por Deos, dispondo forte, & suavemente a sua resolução, & cõ os passos, que pareciã vagarosos, fazia para seu fim expeditissimos progressos: no caminho do Ceo os passos mais seguros, são os mais largos.

Tanto que a Princeza se recolheu em Odivel-
las, se foi para sua companhia sua thia materna, a
senhora Dona Felippa, a qual pelo muito que a
amava, ordinariamente lhe assistia, vivendo am-
bas

bas em hum mesmo espirito : ElRei, & o Principe a hião ver muitas vezes, & communicar-lhe os negocios de mais confiança, pela grande opinião que tinham de sua prudencia, & a volta das cousas do seculo, lhe persuadião que deixasse a Religião ; porèm como o seu espirito era incontestavel, foi toda a diligencia inutil.

Dous meses esteve em Odivellas, & como a assistencia daquella clausura era só preparação para outra maior, desejando de se mudar para onde havia de permanecer, disse a ElRei em hũa occasião que lhe facilitou a proposta, que quando pedira licença para vir para aquelle Convento, não fora para passar a vida, mas para escolher Religião, & que em virtude da primeira promessa, lhe havia Sua Alteza de dar faculdade para o deixar ; porque ainda que era de grande observancia, desejava passar-se a outro mais conforme com a sua vocação.

Naõ replicou ElRei a esta proposta, antes como quem se agradava della, tratando da mudança como certa, lhe disse, que a tinha por acertada, & que lhe parecia que fosse para o Real Convento de Santa Clara de Coimbra da observancia de S. Francisco fundação da Rainha Santa Isabel, que alli pela religião que nelle se observava, co-

mo pelo illustre fangue que nelle vivia, era digno de sua eleição.

Como a Princeza teve o beneplacito de El-Rei, ainda que não tinha tenção de ir para Coimbra, logo tratou de sair de Odivellas, guardando para melhor conjunctura o declarar o seu intento; & no mesmo tempo em que El-Rei escrevia á Abbadeça de Santa Clara de Coimbra, que se apercebesse para a recolher, escrevia ella à Priorisa do de JESUS de Aveiro, que a quisesse aceitar, & pedisse a Deos favorecesse a sua santa determinação; porque El-Rei trasia muito diverso intento.

Muitos pedem a Deos tudo o que desejão, devendo pedir só o que lhe convem para a salvação, & para a utilidade: se esta impedir aquella, não se deve ella pedir; quantos rogos se fazem, que devião ser exacrações? quantas cousas se procurão, que se devião evitar? Se Salomão concedera a Bersabet que Abisai casasse com Adonias, conseguira com o rogo o que devia evitar com o cuidado; ninguém anticipadamente no engano da vida humana sabe o que temporalmente lhe está bem para o logro da vida eterna: ser Rei podia ser bõ a David para ser Santo; ser Rei podia dar occasião a Assa para ser precito; ser pobre foi bom a Lasaro para ser predestinado; ser rico foi
causa

causa para o Avarento ser reprobado; & ninguem sabe se a magestade, se a humildade, se a riqueza, se a pobreza, são convenientes para a eterna vida; nem de ser Rei, nem de ser Pastor, nem de ser rico, nem de ser pobre, se segue necessariamente ser predestinado: base de pedir a Deos o seu amor filial, pois d'elle se segue a sobrenatural bemaventurança; & tambem se lhe pòde pedir a felicidade humana, quando não impida a gloria sobrenatural o que encontra a salvação; não se pede em nome do Salvador, só pede em nome do Salvador, quem pede a salvação; perfeitamente pede, quem spiritualmentè ora; imperfeitamente ora, quem sò temporalmente pede; muitos oraõ por si a Deos, poucos oraõ a Deos para si; & não ora perfeitamente, quem pede a Deos mais do que a Deos; os que oraõ por si a Deos, são os que pedem sò os bẽs do seculo; os que oraõ a Deos para si, são os que lhe pedem os bẽs do espirito; pedindo se os bẽs temporaes, não se alcanção os spirituaes; pedindo Rei os filhos de Israel, se lhes concedeu a Magestade por castigo; pedindo se os bẽs spirituaes, se alcanção os temporaes; pedindo Zacharias a vinda do filho de Deos, conseguiu o ver o nascimento do grande Precursor; ainda assi se haõ de pedir os bẽs do seculo por amor dos do espirito, & não os do espirito por amor dos do seculo: preposteramente ora, quem pede primeiro estes que aquelles; & não basta orar para conseguir; convem merecer para alcançar; como haõ de merecer as orações, se desmerecem

as obras? he necessario aplacar com as obras, para merecer com as orações: nos altares haõ se de pôr não só os cheiros, mas os sacrificios; hase de subir ao outeiro do incenso pedindo; hase de subir ao monte de mirra sacrificando: os que oraõ, & peccão, tem as voses de Iacob, & as mãos de Esau, & não se pôde orar bem obrando mal; bem ora, quem bem vive; não vive bem, quem não ora bem; mais são os que oraõ sem oraçãõ, que os que oraõ com ella; os que oraõ sò com a boca, são os que oraõ sem oraçãõ; os que oraõ com oraçãõ são os que oraõ com a alma; assi como o corpo sem spirito he cadaver, he embrião a oraçãõ sem spirito; quem ora entre os proprios cuidados, ora na Sinagoga; quem ora sem os cuidados proprios, ora na Igreja; quem ora attento, ora na presença de Deos; quem ora divertido, ora sem a sua presença; & Deos não ouve as orações, a que não està presente, não escuta as palavras, se o insurdecem as desatenções: mandou que se orasse às portas fechadas, para que se não admittissem as considerações humanas; não só he necessario que quem ora se não divirta, importa muito que se resigne; quem pede a Deos sem se resignar na sua vontade, quer que se faça a sua vontade, & não a de Deos; & pelas resignações se vem a conseguir as merces: a Cananea, Marta, & Maria expuserão as suas magoas, para que se Deos quisesse, lhes acudisse com os remedios: nesta forma se ha de pedir a Deos para o agradar; como a oraçãõ he conhecimento da Om-

nipotencia, agrada-se Deos da oração; mas não se devem
 descuidar os homẽs com a sua confiança da propria pro-
 videncia: no mesmo tempo que Moyses orava, pelejava
 Iossue; no mesmo tempo que pelejavão com os braços, ora-
 vão os Macbabeos com os coraçõs; não basta para se cõ-
 seguirem as victorias, nem oraçõs sem armas, nem armas
 sem oraçõs; com os recursos divinos se ha de usar dos
 meios humanos, & assi se conseguem os favores de Deos;
 elle mesmo resucitãdo a Lasaro, que competia a sua Om-
 nipotencia, quis que os Apostolos abrissem a sepultura que
 era factivel ao seu poder: não cuidem os homẽs que os of-
 ficios os desobrigão das oraçõs; a quem não falta tempo
 para se divertir, não falta para orar: grande era Daniel,
 & orava tres vezes no dia: Rei era David, & orava no
 dia sette: como a oração fas os homẽs templo de Deos, ca-
 da hum pôde ser templo da sua oração, ainda que o lugar
 mais proprio della he a Igreja, como Deos està em toda a
 parte, em toda a parte se pôde fallar com Deos: dentro de
 si mesmos podem os homẽs levantar os altares; não des-
 presa Deos o lugar, quando occupa o animo: Jeremias
 orou na prisão, Daniel no lago, Isaias no suplicio, Ionas
 na Balea, Iob no sterquilinio, Dimas na Cruz: assi em todo
 o lugar, & em todo o tempo se ha de orar a Deos, & não
 devem os homẽs intermitter os rogos, pois Deos manda
 orar sem intermissõs; se orando nos separamos dos bru-
 tos, & nos assemelhamos aos Anjos, como nos dessemel-

thamos dos Anjos, para nos igualarmos aos brutos!

Quando a Priorisa leu a carta, prostrouse por terra, com doces lagrimas de contentamento, & deu muitas graças a Deos de sua alta providencia, referindo as palavras que Santa Isabel disse à Virgem Maria, *unde hoc mihi ut veniat Domina mea ad me*; estas eraõ as palavras, que entãõ recitavãõ as Religiofas, com os passos da Sagrada Scriptura fasiaõ os progressos para Hyerusalem celeste, os versos que hoje recitãõ, sãõ appothemas com que enlouquecem.

Era nomes de Junho de mil & quatrocentos & setenta & dous, quando a Princeza s. hiu do Convento de Odivelas, acompanhada de El Rei, & do Princepe, de sua thia a senhora Dona Felipa, & de hũa Religiosa chamada Dona Mecia de Alvarenga, ficaraõ as outras sem ella, se não na maior solidãõ, na maior saudade, nem a pena de as não escolher, fasia perder o sentimento de as deixar; o amor que tinhaõ a sua pessoa lhes impedia considerarem o menos cabo da sua repulsa.

Pos se a Corte a caminho, & como o tempo era de grandes calmas, fasiaõ jornadas muito breves, chegando á villa de Pombal, aonde se dividem as estradas para Coimbra, & para Aveiro, buscou a

Princesa caminho para se declarar com ElRei; & usando de sua santa prudencia, lhe disse; que pois estavam perto do Convento de JESUS, cuja observancia era naquelle tempo taõ afamada, fosse servido, que visse com a experiencia o que se divulgava pela fama, concedeu-lhe ElRei o que lhe pedia, & continuado a jornada, proseguio a Princesa a practica em ordem a ficar no Convento, fazendo presente a ElRei, que não convinha à sua resolução, nem ao seu espirito ir para onde havia Senhoras com fausto, & com grandesa; quando só procurava Religião em que viver com pobreza, & humildade.

Como os coraçõs dos Reis estão na mão de Deos, moveu a mão de Deos o coração de ElRei de sorte que tendo proposto levar a Princesa para Coimbra, resolveu de a deixar em Aveiro: assi troça o Senhor que não poem tempo em mudar tempo os coraçõs; assi derige os passos dos que favorece, que ainda quando vão para outra parte, não chegam, se não onde elle os encaminha: para Tharsis navegou Jonas, & Deos o levou a Ninive.

Tempo antes que a Princesa se posesse a caminho, começou a aparecer todos os dias [acabada Completa] hũa exalação sobre o Convento

que durava the pela menhaã , sem mais variedade, que inclinar-se hũas noites para hũa parte, outras para outra, com taõ grande, & admiravel lus, que ainda que o Ceo estivesse cuberto de nuvẽs , a noite escura sem estrellas , sempre se deixava ver, sem que as trevas encobrissem os raios, nem as chuvas lhe apagassem os resplendores : nesta forma continuou no Ceo , the o dia que a Princesa entrou no Convento, & entaõ se estimou estrellas felice, o que se temia Cometa infausto : parece que quis o Ceo acrescentando esta lus misteriosa, dar hum lusente anuncio da vinda da Princesa , ou hum resplandecente perfagio de que aquelle Convento havia de resplandecer em virtudes com a sua vinda: na Conversaõ de S. Paulo foi vista a lus do Ceo , para que se julgasse que havia de ser a sua pręgação Celestial.

Com intimo alvoroço chegou a Princesa ao Convento , & vendo que tinha conseguido seu desejo , deu graças a Deos de o haver logrado, crescendo o affecto com que agradecia a consideração das difficuldades que alhanara , & por entrar mais fausta, & devotamente na Religiaõ, em dia mais celebre , & mais notavel , vendo que se chegava o do Patriarcha S. Domingos, quis esperar por elle, pela intercessaõ daquelle Santo a deu

Doos

Deos como milagrosamente a seus paes, & ella se deu solemnemente a Deos no dia daquelle Santo.

Entrou emfim, como quem entendia que deixava a terra pelo Ceo, & que entrava no Paraíso da terra: receberaõna as Religiosas com aquella alegria que lhes dava veremse emnobrecidas cõ a companhia de hũa pessoa Real, & illustradas cõ as virtudes de hũa Princesa santa: ficou ElRei cõ o gosto de haver dedicado a Deos hũa tal filha, & o pesar de se haver separado della; & nesta contrariedade de affectos, se a alegria mitigava o sentimento, o sentimento moderava a alegria; cõ o que vivia, nem distintamente alegre, nem declaradamente triste.

O Princepe, cuja condiçãõ era ardente, não podia mitigar o ardor com a dissimulaçãõ, antes abraçandose em ira, se desafogou com ameaças intimando a Princesa, que se quisesse professar na Religiãõ, a havia de tirar do Convento.

A Corte se encheu de profunda tristeza, & na sua profundidade, ficou sepultada a sua queixa; ainda que entendia que cõ aquella ausencia deixava de ser Corte; por não desconfolar a ElRei, por não irar mais o Princepe, pos em silencio a sua pena, & nestas ondas da tristeza, & alegria, fazendo-

sendose prudentemente com os tempos, contemporisava a Princesa urbanamente com os affectos, não se mostrando triste às alegres Religioſas, nem alegre aos Corteſoẽs tristes, com o que evitando o particular escandalo, augmentava o amor universal.

Quem se mostra alegre aos tristes, parece que se alegra com a sua tristeza; quem se mostra triste aos alegres, parece que se intristece com a sua alegria: não sejam os homẽs tão c. ueis, que na magoa alhea dem indicio do proprio contentamento, nem de descontentamento proprio na alhea felicidade: porque Saul se molestou do maior triumpho de David, veio David a triumphar de seu maior inimigo Saul: porque Caim se intristiceu do agradavel sacrificio de Abel, veio Abel a ser cruento sacrificio de Caim, sendo peor para este o peccado, que a morte para aquelle: julgar se ha que quem se mostra alegre aos tristes, procura aliviar a magoa, & não escandalisar a pena; mas escandalisa a pena, & não alivia a magoa: choravão os amigos de Job, porque elle chorava; a quem sente, mais o alivia quem o ajuda a sentir, que quem o procura aliviar: em tudo o que for licito deve o nosso affecto accommodar-se com o do nosso proximo: a humanidade nos obriga a que nos alegremos com os alegres, por não perturbar a sua alegria, & a que nos entristecemos com os tristes por não

es-

escandalisar a sua tristeza: deshumana cousa he fazer o espectáculo da estranha magoa triumpho da alegria propria; inurbanidade fazer o theatro da alhea alegria, sena da propria magoa: quem da pena faz gosto, parece que de algũa maneira quer suavisar o Inferno: quem do gosto faz pena, parece que de algum modo blasfema contra a gloria: muitos ha que sentem mais o alheo bem, que o proprio mal: menos sentia Rachel não ter filhos, que o telos Lia: o Rico não pedia que Lasaro o tirasse do Inferno, mas que saísse da Gloria: muitos sentem mais a alhea honra, que a propria infamia; mais sentião os irmãos de Joseph cuidar que o adoravão as estrelas, que cometerem a infamia de fraticidas: diferentemente se bouve a natureza com os que se alegrão, com o que os outros sentem, do que com os que sen em, o com que os outros se alegrão; aquelles com exacravel contentamento fazem felicidade da infelicidade alhea; E com effeito ficão sendo impiamente felices; estes com abominavel disgosto fazem da felicidade alhea a propria infelicidade, E com effeito ficão sendo justamente infelices: os primeiros tem a felicidade na protervia; os segundos tem na inveja a infelicidade: hũs tem na culpa a gloria, outros tem no delito a pena: seja qual for a causa desta differença, não ha duvida que ha de ser condignamente punido hum, E outro crime; E ordinariamente quem comete hum, comete outro; porque alegrar com a tristeza alhea, E entristecer com alhea

ale-

alegria, são crimes que se convertem: quem tem as albas jaélturas por proprias felicidades, tē as felicidades albas por proprias jaélturas: destes filhos gemeos da inveja devem fugir os catholicos verdadeiros filhos da Igreja; porque ser invejoso, não he ser filho do Principe da gloria, he ser filho do Principe das trevas: invejar a boa fortuna he preverter a condição humana: tragou o Inferno a Datão, porque a inveja o fes demonio; se a inveja o não fiser demonio, não o havia de tragar o Inferno: contemporisar com o gosto licito, & com a justa pena, não he lisonja pecaminosa, he virtuosa urbanidade: S. Paulo alegravase com os alegres: Christo Senhor nosso chorava com os chorosos: esta contemporisação com os affectos deve ser admittida no mundo pois não he offensa de Deos.

Feita a entrada ficou a Princeza no Convento com Dona Mecia de Alvarenga, deixando na villa as cinco mulheres que trouxera de Odive-las; não quis que a ouvessem de servir, quando sò tratava de obedecer; & advertindo á sua cōmodidade, dispos q̄ ficassem em parte aonde de mais perto lhes podesse fazer merce; como a senhora Dona Felippa lhe tinha tanto amor, não quis viver em sua ausencia, assi ficou em hūas casas contiguas com o Convento, para que quando estava na sua separação, se metesse sò em o meio aquellas

las paredes que serviaõ a sua clausura, & El Rei lhe deixou o assentamento necessario para o seu dispendio; & ainda que aceitou o ser rica, não deixou de ser pobre; antes para ser mais perfeitamente pobre, consentio ser sobradamente rica, para que se visse que não fazia da necessidade virtude, mas que se fazia necessitar sem necessidade; tendo as rendas de Princesa, vivia com a pobreza de religiosa; nenhũa Princesa foi mais esmoler, nenhũa Religiosa mais pobre; ou ella foi a mais rica, porque multiplicandose as unidades em centenas, recebia nos thesouros do Ceo, como esmoler, o que na teira dava pelo amor de Deos como Princesa.

Recolhida nesta forma, não lhe foi necessario mudar muito o trage de secular, porque quando entrou, quasi se vestia como religiosa, vásquinha branca, saio negro, tudo de pano de pouco custo; os cabellos se não estavam cortados, andavão recolhidos; quando melhor os toucava, era cõ hũa coifa de linho, & hũa toalha sem cuidado; não houve que destoucar enfeites, a quem só se toucava por evitar descomposturas.

Ditofo o tempo, em q he compor o vestir; infelice o em que o vestir he discompor? quem se veste sem honstidade

despese de hũa grande virtude, por encobrir a descompos-
tura que manifestou o primeiro peccado: descobriu a pro-
videncia o primeiro vestido, chegou o abuso a tanto, que o
que devia compor hum, & outro sexo, descompoem ambos:
nãõ foi de admirar que Eva nãõ andasse vestida no esta-
do da innocencia; mas he muito para admirar que haja
quem quasi ande despida no estado da culpa: quem desco-
bre o que deve occultar, nãõ diga que he compor o desco-
brir: quem proffestue aos olhos de todos o que deve recatar
dos proprios olhos, visualmente se vulgarisa: se em reve-
rencia dos Anjos se mandou que as molheres andassem cõ
os rostros cubertos, nãõ se podem traser decotados sem es-
candalo dos Anjos: o vestido de cada hum, diz quem cada
hum he; nãõ basta ser, he necessario parecer honesto: tanto
que Iudas viu Thamar como Teristo, logo a nãõ julgou
bem: os vestidos profanos suppoem habitos impuros; hãõse
de mudar os vestidos, para que se mudem os habitos; a
pudicicia nãõ só estã na castidade do corpo, mas na ho-
nestidade do traje; assi como o pudor se veste honesta-
mente, se veste escandalosamente a impudicicia; o vestido
desonesto he destruiçãõ do recato, o honesto custodia do
pudor, & deve se vestir guardando o pudor, nãõ destruindo
o recato: doutrina he catholica, que se nãõ deve tratar
do que se ha de vestir, & sãõ cuidamos como nos havemos
de ornar; indigno cuidado he de hũa alma catholica bus-
car o caduco louvor para o mortal corpo; pouco tratãõ de
suas

suas almas as que só cuidão de seus vestidos; facil he des-
 presar a pompa do ornato aos que desejão a purpura da
 immortalidade; difficil conseguir a purpura da immorta-
 lidade aos que só tratão da pompa do ornato: Iesobel que
 só tratava da fermosura, não procurava a salvação; em
 quanto a Magdalena não sacrificou os enfeites, não se ab-
 steve dos peccados; Deos busca a alma especiosa, não o es-
 pecioso ornamento: Iudith não se louvou pelo enfeite, mas
 pelo decoro; & Deos a ornou com decoro por condecorar
 o enfeite: pouco he necessario para os corpos, ainda na sen-
 tença de Epicuro; tudo se deve aplicar aos animos na opi-
 nião dos Philosophos: se isto differão os Gentios, isto mes-
 mo sentirão os Santos: toda a vaidade do ornato he ridi-
 cula pompa das pessoas; fazer gala do vestido, he fazer do
 sambenito gala; melhor he dar muitos vestidos a pobres,
 que vestir muitos vestidos ricos; vestir com riqueza, he en-
 riquicer a vaidade, & empobrecer a virtude: mais nos hão
 de louvar pelos que vestimos, que pelo que vestimos: lasti-
 ma he terem os prodigos com que superfluamente se enfei-
 rem, & não terem os pobres com que precisamente se vis-
 tão; em vestir com riqueza, & em não vestir a pobreza,
 consiste a maior brandura do animo, & a maior dureza
 do coração: que maior brandura do animo, que andarem
 as pessoas mimosamente vestidas? que maior dureza do
 coração, que verem se os pobres miseravelmente nus: lasti-
 ma he, que se veção tantos altares sem frontaes, & tantos

corpos como se fossem altares; e o peor he, fazeremse altares só para parecerem idolos; e irse ao culto divino buscar o proprio culto: se o culto está no pudor, não no vestido; rasoã he tratar se não do vestido, mas do pudor: perguntarão a huã Gentia qual era a melhor cor das melheres, respondeo que a da pudicicia; como está bem a alma, esta he a que lhe está melhor: as que sò estão bem á fermosura, podem não ser feas, mas não são as mais fermosas: o certo he que sò he fermosa a alma santa, pois tem a graça de Deos: não acusamos o ornato, acusamos o luxo; permitido he aquelle a cada hum na proporção de sua preheminencia: S. Bertholameu trouxe sempre a capa de purpura, porque era filho de El Rei de Siria; Mardocheu se vestia com vestidos reaes; Esther com insignias magestosas; Judith com ornamentos sagrados: util he a differença dos vestidos para distincção das Hierarchias, se os Reis em tudo se parecesssem com os outros homẽs, quicã que os não estimarão os outros homẽs por Reis: devem se no ornato buscar suas na differença, para que nas pessoas se divise a soberania: Reinos ha em que as Hierarchias da nobresa se distinguem pela diversidade dos vestidos: boa politica he que não pareção os homẽs todos hũs; procurará melhor ser quem lhe faltar a apparencia de melhor: este ornamento, que a cada qual se permite, segundo a sua preheminencia, deve ser nos limites da moderação, sem passar os termos da superfluidade; tudo o que excede ao que se

se necessita, he excessão que se condemna: quem he prodigo para o luxo, fassa pobre para a Republica; de algum modo pecca, quem ainda que tenha muito, gasta mais do que necessita; quem gasta tudo o que tem, caminha para profundir o que não tem; se cada hum se desmedir, por força se hão de arrombar todos: queixa foi antiga, q̄ não bastava hum patrimonio para huã arrecada; hoje tambem não basta para hum vestido hum dote; & que dotes podem ter os que os poem nos vestidos: o luxo de Roma foi a ruina do Imperio; o muito ouro profundido, foi menos solido que o barro moderado: em quanto os vestidos forão de laã forão os peitos de bronse: a mudança dos trajes he protento da transmutação dos Reinos; todo o ocio lascivo foi prognostico fatal contra os Imperios; o luxo afeminado he prever sor dos grandes pensamentos: seja a decente moderação dos Princepes censura sumptuaria para os subditos, legislando se com o exemplo a gravidade honesta, se prohibe com a imitação o luxo indecente; o menor mal do luxo he a profusão, porque o maior he a indignidade; estas cousas que parecem pequenos peccados, são causa de grandes delitos, principalmente sendo axioma certo, que o que se profunde no luxo, se deseja com ambição; & o que se deseja com ambição, sempre se adquire sem virtude.

Era o Convento mui apertado para acommo-
dar

dar hũa Princeza, porêm para ella, que buscava o aperto, era a estreitisa lisonja, tanto se aniquilava pela humildade, que engrandecia a clausura; se com a habitar a magnificava, tambem no que a não occupava a engrandecia; mas ainda assi pareceu, que pois não era Religiosa, se lhe fizesse hũ aposento, & entretanto se concertasse hũa casa contigua com a Capela mór, & se lhe abrisse hũa fresta que servisse de tribuna; assi se fes, porêm ella, que no Convento desejava não ter diferença algũa, descia ao choro, & se assentava nas ultimas cadeiras, & na sua, por se não servir de castigaes, mandou fazer dous buracos para meter as vellas, quando de noite rezava as Matinas deixando as Preheminencias de Princeza, pelas funcções de Religiosa: o Propheta Amos lamentava os que entravão na casa de Israel com pompa.

Dous meses esteve no Convento sendo freira na clausura, & na vida, & desejando de o ser na religião, & no voto, buscava tempo em que removidas as contradicções q̄ havia de ter, & ouvesse occasião de se poder declarar; & porque então se tratava do casamento do Principe, com aquelle tratado quis pôr em practica o seu desposorio; como este era o seu desejo, não so pode reprimir muito tempo, & na primeira occasião
que

que teve, diante da Communidade, disse á Priorisa, que ainda que athe aquella hora as rasoões de estado tiveraõ em silencio as determinações do seu animo, ja não era justo que aos humanos cedessẽ os respeitos divinos; & assi manifestava, que não viera para aquelle Convento para viver recolhida, mas para morrer Religiosa; & que em ordem a esse fim, lhe lançasse o habito, & a admitisse ao anno da approvaçãõ.

Naõ estranhou aquella santa Communidade esta piedosa proposta, nem era para admirar, querer morrer professa, a que vivia como religiosa: porque a profissaõ, ainda que era necessitar ao voto, não era augmentar o aperto; ouvindo com tudo que queria tomar o seu santo habito, todas exultaraõ de religiosa alegria: porẽm oppunha-
 felhes entenderem que esta santa resoluçãõ da Princesa, havia de ser murmurado escandalo do Reinõ; & que como no Mundo se preferem as rasoões de estado ás vocações do espirito, se estorvava o que se intentava, & não era prudencia principiar o que se não podia proseguir.

Proposeraõ estas objecções à Princesa; porẽm ella, a cujo santo intento não pode ser estorvo o Mundo todo, desfes, como costumava, as rasoões Politicas do seculo, & venceo os animos indeci-
 ios

fos da Comunidade: de forte que conveio no que lhe pedia, & se signalou o dia em que Deos Nosso Senhor fes de Saulo, Paulo, para que nelle deixasse de ser Princeza, por ser noviça.

Chegou o dia signalado de vinte & oito de Janeiro de mil & quatrocentos & setenta & cinco, não só porque se signalou para aquella cerimonia, mas porque aquella cerimonia o fes insigne, & nelle se obrou clandestina a acção que merecia ser mais publica: naquelle dia hũa Princeza jurada, hũa Rainha pertendida, a segunda successão do proprio Reino, a primeira pertença dos estranhos, na flor da idade, na melhor estação da vida, encontrada de hum pae Rei, & de hum irmão Princepe, de tios Infantes, de Vassallos zelosos, de hum Reino leal, deixou a riqueza do mundo, que a não deixava; & buscou a pobreza de Christo, a quem seguia: lançou se aos pés de hũa pobre Religiosa, aquella a cujos pés se prostravão os Monarchas mais oppulentos, & pediu por misericórdia hũ habito para a vida, que havia de ser mortalha para a sepultura, não era tanto sacrificio para occulto: porém por temor dos homens manifestase o que agrada ao Mundo, devendo manifestarse só o que agrada a Deos; occultase o que agrada a Deos, devendo occultarse o que só

agrada ao Mundo: athe Tobias, por temor dos vivos, enterrava de noite os mortos.

Assi como occultar a virtude, pôde ser virtude por fugir ao louvor; assi he vicio o publicar o vicio por jaçtar do peccado: perde se o bem que ha no mal, quando se perde o pejo que succede â culpa: a tanto chega a humana perversidade, que se fas jaçtancia do que se devia ter vergonha. Nero fes publicos desposorios das abominações nefandas; Heliogabalo fes gloria do que pudera ter por injuria: não he muito para admirar que ofisesssem assi os Gentios; mas he muito para lamentar, que o fação assi os Catholicos; deploravel perversão he não se ter pejo do crime; exacravel depravação he fa ser se jaçtancia da culpa: a alegria do peccado he sinal de condemnação; quem fas jaçtancia do delito, parece que se impossibilita ao arrependimento; quem se não envergonha difficultosamente se arrepende, & fas dous males, sumerge se no peccado, & difficultase á penitencia: se o jaçtar da virtude he destruir a virtude, jaçtar do vicio, he viciar o vicio: se he razão que nos envergonhemos no peccado, maior razão he que nos envergonhemos do peccado: Adão, Caim, & David forão peccadores, mas todos procurarão ser occultos; Adão peccou, & escondeuse; Caim cuidou que se não soubesse; David procurou que se desmentisse: os que se envergonhão no peccado, deixão de peccar no peccado: os

que se jaclão do peccado, tornão a peccar no peccado: os que se envergonhão diminuem: os que se não envergonhão, repetem-o; se fingir a virtude, por parecer virtuoso, he hypocresia; fingir o vicio, por parecer vicioso, he exacração; quem finge a virtude, por parecer virtuoso, ainda ama a virtude, & entende que a gloria consiste nella; quem finge o vicio, por parecer vicioso, ama o peccado, & entende que nelle consiste a gloria; quem he hypocrita da virtude, entende que ella se deve seguir; & ainda aproveita com o exemplo; quem he hipocrita do vicio, diz que elle se não deve abominar, & quer que se perca o escandalo; quantos se jaclão dos roubos, & dos stupros, como se forão amparrados, & socorros; nestes termos fazem da offensa de Deos gloria propria; & que maior exacração, que fazer gloria da offensa de Deos? que os christãos pequem, & temão, pertencendo o peccado a fragilidade, & o temor a fê, poderá ter desculpa humana; porém que pequem, & se gloriem, he brutalidade que não tem racional desculpa; porque parece que exclue o temor da fê a gloria do peccado: Catholicos ha que occultão as virtudes, não só por fugirem aos louvores, mas por evitarem as calumnias; & não he a culpa dos que se recatão, he dos que calumniaão; quantos também não são occultarão, mas não fiserão boas obras, porque os não chama sê santos; assi fogê destes nomes como se forão ignominiosos; se he pusilaminidade do spirito deixar de obrar bem, porque me haõ de interpetrar mal;

qual

qual será a malignidade do animo dos que por interpetrarem mal, impedem que se obre bem; os primeiros offendem com a omissão, temendose da calumnia que devião ter por louvor, os segundos offendem com a actividade, improperando por defeito o que devião louvar por virtude; se os peccadores com as calumnias impedirem as virtudes aos virtuosos, perverterà a culpa a innocencia; não se lhe dé ao virtuoso que o improperem por hypocrita, pois pela boa, & pela má fama, he obrigado a ser virtuoso: não deixou Anna de orar a Deos, por diserem que estava temulenta no templo; mal diga a vaidade o retiro do desengano, mas não se perca o desengano pela maledicencia da vaidade: diga Dina pelas ruas de Sichem mal de Judith no cubiculo de Betulia, mas considere se que a manifestação de Dina se seguiu o seu despojo, & ao retiro de Judith se seguiu o triumpho. Oh Catholicos sejamos dignos deste nome, occultese a virtude por fugir ao louvor, publique se para que utilise o exemplo; não nos jaçtemos do peccado de que devemos fugir como de abominação; não finjamos a culpa, porque senão exceda a si mesmo o vicio.

Começou se a cerimonia por hũa devota practica da Prelada, & proseguio se com a entrega que lhe fes dos cabellos a Princesa, para que hum Thesouro fosse penhor do seu proprio sacrificio,

cio, lhe fes entrega daquelle Thefouro : cortou hũa os cabellos, sem que sentisse os golpes a outra: como a Princefa os trafia recolhidos, não os sentio cortados; estimou verse sem elles, porque se não prefava de que lhos vissem; prefouse delles nas mãos da Prelada, porque por ellas os sacrificava aos pés de Christo; & a caso foi o acertar ella a cortalos, porque a grandesa, & a ternura daquelle sacrificio lhe tinhaõ cegos os olhos, tremulas as mãos; as lagrymas, & as palpitaçoës a cegavão, & a impedião; mas acertaraõse os golpes, porque Deos dirigia os acertos.

A estas lagrymas da Priorisa acrescentavão inundação as das Religiofas, & a todas as da Noviça; chorava, porque via chorar; como o seu coração estava na Comunidade, não podia ella chorar, sem que chorasse elle; sendo as lagrymas das Religiofas de devoção, & de espanto, as da Princefa erão de consolação, & alegria: com o mesmo pranto, com a mesma ternura lhe foi vestido o habito, & com a nova mortalha ficou com taõ sobrenatural exultação como se recebera hũa alma nova; pareceulhe que com aquelle trage em que amortalhava o corpo, podia agradar mais a Deos, assi entendeu que lhe estava melhor à alma aquelle trage: por remate da acção deu os

bra-

braços, & a pax a todas as Religiofas, & foi com ellas em prociffão athe o altar, aonde posta em terra de giolhos, batia com grande contrição nos peitos, & agradecendo a Deos o divino favor de a receber nos foros de esposa, lhe fazia as devidas proltrações de escrava.

Parec u à Princesa, que com o novo estado era rafaõ começar nova vida, & que esta havia de ser hum inaudito genero de mortificação, se the então a sua austeridade era mui desigual à sua compleição delicada, desde aquelle tempo foi taõ penitente a sua austeridade, como se fosse mui robusta a sua compleição, renunciou todas as immunidades do Principado pelos trabalhos da Religião, & deixando assi humilde ao Múdo, humilhou totalmente a sua grandesa, por exaltar evangelicamente a sua humildade, fazendo de tanto, nada, se negou a si mesma, por levar a sua Cruz, & seguir a Christo; & no humilde desprezo da Real soberania se collocou no mais sublime trono da humildade mais profunda: intēta a gloria caduca fafer do nada, muito, por isso he vangloria, como se affirma no que se desvanece; quanto mais altamente se levanta, tanto mais perigosamente se arruina: costuma a humildade santa fafer do muito, nada, por isso he fundamental virtude.

tude, como se affirma no que se não desvanece, quanto mais profundamente se abate, tanto mais seguramente se fabrica.

Tanto que entrou no noviciado, nenhũa differença fazia ás outras noviças, mais que em lhes fazer muita ventagem, não só porque sendo hũa Princesa fazia tanto como ellas, mas porque servia com mais humildade que todas: era o habito sem pompa, a tunica de sarja, a toalha sem adorno, a cama sem linho, todo o calçado de couro; amassava o pão, lavava a roupa, varria o dormitorio, acarretava lenha, & apurava a sua humildade nas occupaçoẽs mais immundas: no choro cantava, & no refeitorio servia; & quasi q̄ jejuava, se lhe punhão diante mais algũ mimo, ou o deixava na mesa, ou o dava à cõpanheira: como havia de aproveitarse do regalo, quẽ quasi se abstinha do sustento: fiava, cosia, & lavrava, sacrificando a Deos estas virtuosas occupaçoẽs, porque todas se applicavãõ ao culto da Igreja, quando com tanto escandalo parece que se despem os altares, para se vestirem as pessoas, ella deixou sempre de ornar a sua pessoa, porque se ornassem os altares; tecia cilicios, fazia disciplinas com rosetas de asso, & prata, cujos metaes esmaltava com o proprio sangue; as suas teas não eraõ para galas, eraõ para penitên-

nitencias, as rosetas erão as flores de sua mortificação, os esmaltes de sua estimação os robijjs.

Com o seu exemplo ficaraõ no Convento em uso as disciplinas, & os cilicios, & em memoria a sua charidade; porque ainda que curava em segredo as que se feriaõ, a piedade o fes revelaçãõ: em todas estas obras concorria com taõ alegre rosto, que bem se via, que a exterior humildade de sua pessoa era interno affecto de sua alma; alegrava-se o rosto resplandecendo, porque se satisfasia o coraçãõ humilhando-se.

Trazia em hũa bolsa hum regraõ de chumbo, & hum pequeno de papel; & com aquelle escrevia neste, mais que os peccados, os scrupulos que tinha em todo o dia; & á noite quando examinava a consciencia, escrevia tudo em outro papel, para se confessar com grande perfeiçãõ: quem assi examinava a consciencia, naõ podia deixar de ter a approvaçãõ para a gloria.

A religiosa sogeiçãõ que tinha à Mestra, era total negaçãõ de si mesma, a vontade alhea era a sua, porque a não tinha propria; dispunha-se para se confessar com a oraçãõ, & com o silencio; & assi a vox, como a taciturnidade, eraõ divinos soliloquios da boca, & do espirito, antes de Comungar, se lavava em lagrymas, para se purificar

em

em contrições : se Job suspirava antes de comer, a Princesa chorava antes de commungar.

Se para o remedio corporal se aplicar com utilidade, se requiere preparaçãõ medica, quanto mais se necessitara da preparaçãõ santa para se receber o spiritual remedio: assi como o rosto se examina no espelho, assi a alma se examina na consciencia: quem se não examina, não se approva; quem se examina, anda em si, porque sabe de si; quem se não examina, não anda em si, porque não sabe de si; mas quem se examina, não se ha de ver a si, como a si; ha se de ver a si, como a outrem : o pão do Ceo, sendo alimento da alma, não aproveita senão aos que o comem com sua consciencia, para que save aquella, he necessario que se examine esta: perdida a drachma da virtude, ha se de revolver a casa do peccado; pois se mandava tirar a pele do sacrificio, tirese o vicio da alma; ha se de lavar sete vezes no Jordão, quem se quiser purificar da lepra do peccado; E não pode haver purificação santa, sem a accusação ser verdadeira; David E Saul ambos confessarão seu peccado, mas não alcançarão ambos a misericordia; differão semelhantemente as palavras, mas não confessarão igualmente as culpas; o primeiro foi penitente; porq̃ disse no coração, o que disse com a boca; o segundo foi obstinado; porque o que disse com a boca, não o tinha no coração: depois do fel amorgoso da penitencia, he mais suave

ve o pão da Eucharistia; só os que assi se abstem dos vícios, ou castigão as culpas, devem comer do pão dos Anjos: nem Judas Escariote, nem Simão Mago devião commungar: o sacrificio puro deve receberse com a alma pura: deu Abimilec os pães da Proposição a David, porque sabia que estava immaculado: quem communga com indignidade, fas o templo de Deos casa do Diabo: com a communhão indigna entrou Satanas no corpo de Judas; excravel impiedade he, que se faça hum catholico infernal lobo, para comer o celestial Cordeiro. se o homem, que indignamente communga, crucifica novamente a Christo, sendo a communhão indigna, hũa morte reiterada, justamente se condemna, quem indignamente communga; se para se receberem os Reis, se compoem os Palacios; para se receber a Deos, porque se não hão de purificar as almas? se he inurbanidade sentar a qualquer mesa sem assêo, que indessencia será chegar á mesa de Deos sem pureza? se o que não trasia a veste nupcial, foi lançado do convite, como se ha de sentar à mesa de Deos, quem não tras a estola alva da pureza? a alma que communga em peccado, fas a Deos a maior injuria: mais trabe a Christo quem communga sem pureza, do que Judas, que o entregou por dinheiro: quem se não prepara para receber a Deos no Sacramento, dispoemse para o offender no ministerio; mostra, que a quem lhe dá o sangue no Sacramento, lhe deseja beber o sangue no sacrificio, abusando do memorial

T

das

das suas maravilhas, para maior excesso das suas offensas: para Deos ficar em bũa alma, he necessario que ella seja hum Ceo; para que bũa alma fique em Deos, he necessario que ella seja bemaventurada: se mais que os Anjos devem os homẽs a Deos na Eucharistia; para receber a Eucharistia, devem os homẽs ser tãõ puros como os Anjos: celestiaes devem ser aquelles, que comem o pão celestee: das communhoẽs indignas se seguem muitas mortes subitas; E nãõ he este o maior mal da indignidade das communhoẽs, o ser o fel dos aspides veneno da alma, he o maior mal; o pão que para o homem he alimento, he peçonha para o abuitre; o Sacramento que para a alma pura he alimento da eterna vida, para a alma impura he lethargo da eterna morte; nãõ se faça pois do Sacramento sacrilegio, nem delito do holocausto, porque o odio de Deos se nãõ concite pelo meio por onde se podia conseguir a sua graça; fazer o osculo da pax indice da entrega, he em ves de amar a Christo como a Mestre, trahilo como se nãõ fora Senhor.

As horas que a Prelada dava de recreaçãõ, só o eraõ, as em que a Princesa assistia, porque o seu suave trato, a sua religiosa benevolencia, a sua santidade discreta fascião que na sua suavidade, na sua benevolencia, na sua discripção, se livrassem os maiores alivios; costumava diser nestas praticas

cas que havia de pedir a Deos que as penas que lhe desse no outro Mundo no Purgatorio, fosse servido dar-lhas nesta vida naquelle Mosteiro: quando as religiosas vinhão da mesa lhes perguntava o que mais as agradava da lição, quando havia prègação as inquiria qual fora o passo que mais as edificara; estas practicas eraõ as suas recreaçõs; como erão pasto do espirito, eraõ recreaçõs da alma; curava as doentes, consolava as aflitas, aconselhava as duvidosas, animava as desalentadas, ajudando estas obras para com o proximo com lagrymas diante de Deos, & eraõ estas de tanto effeito, que muitas religiosas ficaraõ por seu meio livres de muitas penas: ella semeava as lagrymas, & outrem colhia as exultaçõs.

Naõ se limitavão só ao Convento as obras de sua charidade; estreitos erão os claustros para encerrarem tão grande virtude; em todo o Reino liberalmente se diffundia, & na Villa mais proximoamente se exercitava; se nella havia algũa alma desencaminhada com o seu poder, & com a sua diligencia fazia que se posesse no caminho da salvação; quem tanto tratava da de sua alma naõ podia deixar de procurar a das alheas; a charidade, que começa pela propria prosegue pelas outras, refundindo na sua o bem que conse-

quem as mais.

Tanto fes com algũas Mouras, & Mouros, que por ElRei lhos haver trasido de Arfila, conferuavãõ o nome de seus captivos (naõ por querer delles a propriedade, mas por elles quererem hõrar a servidãõ) que os reduzio da infedilidade ao christianismo, empenhando na sua reduccãõ sobre exhortações, & favores as proprias lagrymas, & os sacrificios alheos: logo que aquellas almas estiverãõ pela agoa do baptismo livres do captivo do demonio, deu liberdade aos corpos, & com que a podessem lograr com commodidade; & assi como naõ consentiu que fossem escravos na condiçãõ os que eraõ irmãos na fê, fes com que os que ja eraõ senhores de si, naõ fossem captivos da pobreza.

Como a santa Princeza naõ era vista de pessoas estranhas, & naõ sò às suas criadas, mas tambem a sua thia a senhora Dona Phelippa, falava nos locutorios cubertos, ouvindo as palavras sem que se vissem os rostros, pode dilatar-se, mas naõ encobrir-se a noticia, naõ havendo cousa occulta que naõ seja revelada; nem aonde se professava tanto o silencio, se pode dilatar mais o segredo; soube-se emfim na Villa, & em todo o Reino que cortados os cabellos, vestido o habito, estava no

noviciado, & tanto que se soube, como a novidade era taõ grande, foi geral a commoção, choravão os moradores como se ella se ausentara, enlutaraõse os criados como se lhes morrera; a senhora Dona Phelippa se ausentou, por se sentir: tiraraõlhe Dona Mecia de Alvarenga, para a desconfolar, & os procuradores das principaes Villas, & Cidades do Reino a vieraõ pedir: assi se conjura o Mundo com os que professaõ servir a Deos.

Como no fragil sexo naõ pòde haver resistẽcia para grandes horrores, porque a debilidade dos corpos he pusilanimidade nos corações, receberaõ a Prelada, & as Religiosas grande perturbação com a commoção dos Povos, com tudo como a Princesa persistia firmemente na sua resolução responderaõ constantemente ao requerimento dos Procuradores, sendo o zelo daquelles ardente, o incendio dos corações lhes offuscou os juizos com tanta vehemencia que algũs replicaõ à resposta, dizendo que poriaõ fogo ao Convento, & ultimamente protestaraõ, que se a Princesa professasse, a tirariaõ, se a successaõ do Reino o pedisse.

Sabendo o Princepe que a Princesa havia tomado hũa resolução taõ contraria á sua adverten-

tencia,partio para a Villa de Aveiro,& assi como chegou a ella, entrou pelo Convento vestido de luto,cõ a barba,&cabelo crescido,testemunhãdo com estas demonstraçoẽs exteriores da pessoa os intimos sentimentos do coração.

Nas primeiras idades do Mundo,nem os homẽs,nem as mulheres cortavãõ os cabeols , a natureza lhes punha os limites:Joseph os cortou quando foi do carcere para o Paço;Iob quando chorou a morte dos filhos;quatro centos annos andarãõ os Romanos intonsos , depois introduzindo Ticinio Mena os Barbeiros a policia cortou a superfluidade:em algum tempo só os captivos , & os reos os não cortavãõ : o Imperador Theodosio dispõs que os que os trouxessẽm , se fossem ingenuos tivessem penas pecuniaras,se fossem escravos ficassẽm servos publicos; S.Paulo ensinou que eraõ gloria das mulheres , & indignidade dos homẽs : em Hespanha se deixavãõ crescer por horror,naõ por gala,para atemorisar os inimigos,naõ para affectar a gentileza,& nesta variedade , o mais frequente uso foi crearemos as mulheres , & cortaremos os homẽs, tanto , que crearemos estes , & cortaremos aquellas era demonstraçãõ de luto, & havendo as constituicoẽs canonicas prohibido este uso,poderãõ mais que ellas as affectaçoẽs profanas,introduzindo a policia cortar o cabelo , a gala introduzio naõ se cortar, sendo permissãõ para os es-
crav-

cravos, hoje he affectação para todos, sendo decente gloria das mulheres, he crespa vngloria dos homẽs, sendo crescido dejalinhado final do luto, hoje he excessiva alinhada demonstração da gala; verdade he que os tempos fasem licitos, ou illicitos os usos indifferentes: o tanger, que para os Romanos era injuria, foi touvor para os Gregos, o que para os Romanos era urbanidade era vicio para os Persas; bem pôde o tempo faser que seja gala o que era luto, mas não pôde faser que sem nota se faça do cabelo tanta gala: se descubertos eraõ prohibidos às mulheres, como hão de ser permitidos aos homẽs calamistrados; a Nero, & Caligola se notou que chegarão os seus excessos a tanto, que encre paraõ as cabelleiras: porque os Romanos Heroes cortavão os cabellos quando tomavão o habito de varcões, foi hũa grande nota de Pompeo Magno trazer hũas pequenas guedelhas; & Niseas despresado porque as trasia crescidas; querendo Ioliano Apostata infamar o Imperador Constantino lhe impos que as affectara crespas: tirou Phelippe Rei de Macedonia hum tribunal a hum familiar de Antipatro, porque tingia a cabelleira, dizendo que se não podião fiar os arbitrios de quem tingia os cabellos: se o Imperador Vero Antonino lhe lançava indecentemente ouro em pó para que parecessem dourados; se o delicioso Crylogono os trasia preciosamente untadas, para que os tivessem por cheirosos; não basta isso para que hoje andem indignamente pulverifados, & pre-

poste-

posteriormente encanecidos, & quando o tráfelo seja acção totalmente indifferente, não o póde ser passando se dos termos do decoro aos excessos da profanidade; não o póde ser tráfendo se, não sô os proprios por uso, mas os albeos por galantaria; duas desculpas se dão a estes excessos, a primeira he encubrir as calvas, como fiserão Cesar, Tiberio, Caligola, & Oton; mas hũa cousa he emmendar a inormidade, outra procurar a gentileza; encubrir o defeito poderá ser policia, affectar a gentileza sempre he de feito; a outra desculpa he, diser se que he moda (nome novo, contra quem tem escrito *Auctores de mui religiosa doctrina*) tão estranhavel he este nome para os rigidos Portugueses; como foi o de *Spintrias* para os Romanos bem morigerados; notou Tacito quando a respeito do splendor se permitio aos Senadores servirem se com prata, que esta desculpa fora confissão do vicio debaixo do nome honesto: se a permissão da prata por causa do splendor foi vicio com honesto nome, os cabelos albeos por ração da moda, não póde deixar de ser estranhavel até com o nome profano; nem he desculpa tráfese por moda que he sutrifugio de tudo o que se fas sem ração, o que se não devia tráfese em ração da virtude, que he a essencia de que se deve presar a varonilidade: indigna cousa he que possa mais a moda peregrina que a virtude nascional; ja Seneca se queixava, que os Romanos exfeitasssem os cabelos como os *Parthos*; Teruliano d'as *Africanas* se tratarem como as *Flamengas*,

por-

porque se devem seguir os usos nacionaes não os costumes peregrinos: trouxe Christo Senhor nosso o cabelo á Nasarena, porque era natural de Nasareth, seja não foi por outra causa, este exemplo ensina que os não devem trazer como Estrangeiros os que nascerão Portugueses, & se os que os trazem se desculpão com que Christo Senhor nosso os trouxe, tragão-os como elle, logo será sem culpa: propor o mesmo Senhor por exemplo, & não seguir o exemplo do mesmo Senhor, he servir do exemplo para dar escandalo, & com Christo Senhor nosso pôde se authorisar o uso, mas não authorisar o abuso; não pôde em fim haver perversão mais deploravel, que poder mais hum nome estrangeiro para nos perverter, que a Sagrada Scriptura para nos ensinar; muito se podera diser nesta materia em utilidade dos bõs costumes, mas porque se não julgue satyra detractora, o que he zelosa censura, não proseguimos este discurso; só disemos, que Clemente Alexandrino dis que enfeitar o cabelo he transformar o sexo, & que neste mesmo sentido falão S. Cypriano, S. Ioão Chrysostomo, S. Gregorio, sendo este o sentimento dos Santos Padres, he lastima que se ensurdeção a elle os fieis catholicos.

Sahio a Princesa a receber o Principe na mesma forma em que estava; & ainda que lhe não cabia o coração no peito, alterado de sobressalto, esforçou-se para lhe mostrar no rosto, que o rece-

bia com contentamento; vendoa elle parou de admirado, & notando a magresa do rosto, o pallido da cor, a debilidadade do gesto, a pobreza do vestido, o desprezo do toucado, & que estava viva imagem da penitencia a que era animado original da fermosura, os sentimentos que estavam para se exprimir em rasões apaixonadas, deixando a boca passaraõ aos olhos, donde falarão em lagrymas amorosas; cobrada a voz, que perdera naquelle accidente lhe fallou com toda a ternura, dizendolhe, que pois com aquelle estado tinha a ElRei desgostoso, & alterado o Reino, & naõ era rafaõ, que ella mudasse de vida, em quanto elle a naõ tomava, devia pelo gosto de ElRei, pela conservação publica deixar a Religião, & que ainda que a vocação propria a chamasse para aquelle estado, o bem publico lho impedia, & devia sacrificar o designio particular pela commua utilidade.

Conhecendo a Princeza a superioridade ao Princepe, & significandolhe o seu amor lhe respondeu, que bem sabião, ElRei, & elle, que com o uso da rafaõ nascera em seu espirito o desejo da vida religiosa, que este com beneplacito de ambos a tirara do Mundo para a Religião, & que naõ lhe estava bem sair da Religião para o Mundo,

do, porque o que era indecente a qualquer pessoa, não podia deixar de ser ignominioso à sua; que tomara aquella resolução por lhe parecer que não seria desagradavel ao Mundo acção que era agradavel a Deos; que ella respeitava seu Paer, mas que seguindo a Christo que a chamava, lhe não desobedecia, nem prejudicava ao Reino; porque o mesmo Senhor que escolhia por seu Esposo havia de ser servido dar successão a S. A. sem que fosse necessario esperar pela sua.

Estas razões ditas com muitas lagrymas atalharaõ ao Principe fazer á Princesa mais instancias, & tomandoa pela mão, a levou para hũa baranda, aonde chamou a Dom Garcia de Meneses Bispo de Evora, cuja singular discrição foi peregrino espanto da vaidade latina, & queixandose-lhe da sua obstinação, lhe ordenou que a persuadisse com a sua elegancia.

Começou o Bispo com vehementes palavras a substanciar as razões referidas do Principe, & acrescentando outras de vivo engenho alentadas de seu espirito animoso, passou dos termos da modestia alem das liberdades da confiança dizendo, que se persistisse em hũa resolução que mais que prudencia, & desengano era ligeireza, & minuisse, & se esquecesse da obediencia que como filha

devia a seu Pae, como vassala a seu Rei; o Principe lhe não soffreria que com hũa imprudente obstinação que intitulava virtuosa perseverança, negasse os respeitos que devia á natureza, & á Magestade, & juntamente arriscasse as commuas conveniencias do Reino, & que se não deixasse o habito, & o Convento faria á força o que não podia persuadir a razão; porq̃ então passava aos foros da razão a força.

Atemorisada estava a Princesa com os ameaços do Principe: porém ficou tão escandalizada das liberdades do Bispo, que pode com ella, mais que o temor, o escandalo, & alentada de hum real espirito, & sobre tudo inspirada daquelle divino alento que aos seus servos, sem que cuidem as respostas lhes poem as palavras na lingua, com hum senhoril semblante respondeu na substancia seguinte.

Como pôde deixar de ser esquecimento de vossa profissão proporme hũa acção contra a fé de vosso juramento; obrigação era do Carather que tendes aplacar a ira do Principe, & consiliarme a sua benevolencia, & não inficionar com a mortal peçonha do odio, o que devieis remediar com a vital triaga da charidade; vós a quem incumbia aconselhar, que se não entrasse por estes
sagra-

sagrados claustros, se não para sua honra', 'entra-
 tes nelles para sua injuria, parece que não confi-
 derais que esta causa he de Deos que ha de acu-
 dir por ella, & não pôde deixar de ser sem casti-
 go vosso, pois advogais contra elle, o mesmo Se-
 nhor que vos ha de castigar, por me persuadir a
 que retroceda, premiará a ElRei, por me consen-
 tir que profiga; meio efficax será o casto sacrifi-
 cio que de mim faço, para que o Principe logre
 a larga successão que deleja, pois para os bẽs ca-
 ducos mais obrão os sacrificios divinos, que as di-
 ligencias mortaes; se nas cousas humanas se não
 move hũa sò folha, sem a vontade divina, como às
 inspiraçoẽs divinas ponde o nome de ligeirezas
 humanas? chamando appetite ao que he vocação;
 se isto em vòs fora ignorancia não tinha que vos
 dar reposta, mas sendo fingimento, não posso dei-
 xar de acusar a adullação, discisme o que quereis,
 por obedeceres ao que o Principe quer; por fazer
 hũa lisonja à sua vontade quereis fazer ao meu
 espirito hum engano; mas não ha de obrar comi-
 go o engano, ainda que com elle obre a lisonja,
 & seja qual for o vosso intento, a minha tenção
 he passar a vida na clausura, ainda que a clausura
 me apresse a morte.

Assi disse a Princesa, & vendo no rosto do

Princepe enfiado, indicios de que tinha o coração collerico, fes signal, de que se quenia ir, descôfiou o Princepe, porque entendeu que a Princefa differa por elle o que respondeu ao Bispo. Affirmase, que estimulando a este a reprehensão para a liberdade, differa à Princefa que em pedaços lhe avia de tirar o habito, palayras taõ indignas de as dizer hum Prelado, como indecorosas para se dizerem a hũa Princefa! a paixãõ o cegou para se desconhecer de quem era, & não ver com quem fallava; de tudo triumphou a Princefa retirandose o Princepe, & o Bispo vencidos; tanto pode a valente resolução de hũa mulher debil? mas se Deos a ajudava, quem poderia vencela!

Assi como os abismos, chamão aos abismos, assi os peccados saõ castigos dos peccados; indureceuse o coração de Pharaõ em pena de se haver indurecido: este Prelado, cujo valor, & eloquencia, foraõ insignes, por fazer lisonja ao Princepe, perdeu o respeito à Princefa; andados os tempos, por conspirar com o Duque de Viseu foi desleal a este Princepe; desta sorte se varião os affectos humanos, & se he licito scrutar a providencia divina, poderà ser que por querer tirar a Princefa da clausura religiosa de hum Convento, morresse na infame prisão de hũa cisterna; não era taõ gran-

grande culpa digna de menor castigo; por isso julgamos, que esta pena foi castigo de aquella culpa.

Quem faz cousas injustas pelos Príncipes, quer que os Príncipes as fação por elles injustas: não se atreve a fazer as sem rasões, se não quem não tem rasão para esperar as merces: delatou Doeg a David, porque queria que o favorecesse Saul; de aqui nasce, que ainda que alguns lisongeiros são benemeritos, ordinariamente não são benemeritos os lisongeiros; quem faz tudo o que querem, he porque lhe fação tudo o que quer; nestes termos mais devem os Príncipes aos que lhe não obedecem, que aos que lhes obedecem; quem assi lhes não obedece, serveos com a omisção, quem lhes obedece assi, deserveos com a actividade; quem disse que os Príncipes se devem servir, e não agradar, quis dizer, que os não hão de agradar no que os não for servir; devem se servir sem des servir a Deos, devem se agradar sem que Deos se desagrade; não só os que fazem cousas injustas pelos Príncipes querem que os Príncipes as fação por elles; mas também contra elles as vem os vassallos a fazer injustas: quem deixou a David por Isobeth, deixou a Isobeth por David; Iereboão, que se armou com Absalão contra David, machinou contra Salomão, quem injustamente se manda obedecer ensina o que se não ha de obrar justamente; mandar executar hãa

injustiça, he ensinar a fazer bũa insolencia; tenha se grande advertencia no que se manda, para que se tenha grande circumspecção no que se ensina: Christo Senhor nosso mandando aos Discipulos lhes ensinou o que haviam de fazer; não são os vassallos arbitros dos preceitos dos Princeses; podem porém replicar a elles com a razão, & com a modestia que se pôde interpor entre os Princeses, & os Vassallos: não deixou Moyses de dizer a Deos, que o não mandasse, porque era tartamudo; não deixou Deos de lhe deferir mandando com elle a Arão que era eloquente; bem podem os Vassallos replicar, & os Princeses os devem ouvir; porque fazendo os Vassallos, o que fes Moyses, serão bõs Vassallos; fazendo os Princeses o que fes Deos, serão bõs Princeses; materias ha, que nem hũs as devem mandar, nem os outros obedecer; a notoriedade do peccado desobriga da obediencia do preceito; somos mais obrigados à Magestade divina, que à Magestade humana: se David manda matar a Urias para gosar a Bersabet, não deve Ioab polo no perigo por facilitar o adulterio; percase embora a graça do Rei por se lhe não fazer a vontade; mas não se perca a graça de Deos por se lhe fazer bũa offensa: os Heliasaros antes querem a morte com a innocencia, do que a vida com a culpa: os tres Moços de Babilonia antes quizerão que os queimassem no fogo ardente, do que adorarem a Estatua de Nabuco; por não desobedecerem ao Deos de Israel não obedecerão Sephora,

E Phua, a Pharaõ Rei do Egipto; E que cousa he a va-
 lia do Princepe a respeito da valia de Deos; a respeito
 desta não tem valor aquella; a graça de Deos não tem es-
 timação, porque excede o preço; a graça do Princepe não
 tem estimação, porque lha tira aquelle respeito; a graça do
 Princepe a todo o lograr serão lustros da fortuna; a graça
 de Deos sem nada se fingir são eternidades de gloria; a
 graça de Rei he participação do poder real; a graça de
 Deos he participação da essencia divina; E quem faze-
 do estimação de hũa, E outra graça, estimará mais parti-
 cipar de Rei, que participar de Deos? tanto estimarão
 Moyses, E S. Paulo a graça, que a preferirão à gloria;
 pois se á gloria se deve preferir a graça, como à graça de
 Deos se deve preferir a graça do Princepe? esta ordina-
 riamente fas venturosos que se habilitão para infelices;
 aquella fas felices que se eternisãm bemaventurados; jul-
 guese pois qual he mais estimavel, se a ventura que se ha-
 bilita para a desgraça, se a felicidade que se eternisa na
 bemaventurança: não ha Reino que invejasse hũa exalta-
 ção, em que se não lamentasse a sua ruina: quasi todos os
 que viverão na graça dos Princepes, morrerão na sua des-
 graça; todos os que morrerão na graça de Deos vivem na
 sua gloria: melhor he servir em Hyerusalem, que reinar
 em Babilonia; melhor he ser desprezado na casa de Deos,
 que habitar nos tabernaculos dos peccadores; se não bou-
 vera mais que Mundo grande damno seria perder a

graça do Principe: porêm havendo Ceo, não se perde confiança alguma em se perder a sua graça; quem justamente da terra apella para o Ceo, alcança no Ceo o que não conseguiu na terra: não ponhão pois os Príncipes aos Vassallos preceitos peccaminosos; porque o peccado lhes impossibilita a observancia: não executem os Vassallos o gosto delinquente dos Príncipes, porque o delicto os desobriga da execução; quem desobedece a Deos por obedecer ao Principe, trata a Deos como se o não fora, & ao Principe, como se fora Deos.

Como na vida humana tem a alma tanta uniaõ com o corpo, destroem ordinariamente a faude do corpo, os desgostos da alma; parece que he mais digno domicilio de hũa alma sancta hũ corpo enfermo; os desgostos que a Princesa tinha padecido, as penitencias que tinha feito, a reduzião a tal indisposiçãõ (a poucos dias de noviça) que parece vivia mais por milagre, que por natureza; com tudo animada de seu espirito, alentada do seu desejo, sopportava com gosto os desgostos, & sofria os trabalhos sem fadiga; hũa alegria sancta era suavidade que quasi fazia excusar a paciencia.

Grande differença vai dos trabalhos que se padecem
por

por Deos, aos gostos que se lograõ no Mundo; estes assi sãõ gostos, que tambem sãõ trabalhos; aquelles assi sãõ trabalhos, que tambem sãõ gostos: por isso se aconselhou que se tivessẽ as suas delicias por miserias, & as suas tribulaçoẽs por delicias: sendo Isac magoa por amor de Deos, nãõ deixou de ser riso para o amor de Abraham: o maior engano da vida, he ter as felicidades por bẽs, & as infelicidades por males; o certo he que os males sãõ felices, & infelices os bẽs; porque estes nos levãõ para o Inferno, aquelles para a gloria: nos trabalhos nãõ quis David tocar em Saul, nas delicias procurou matar a Urias: Salamãõ atribulado teve visoẽs celestiaes, delicioso cometeo torpes vicios: os Hebreos, que oravãõ captivos, murmuravãõ livres; ás felicidades logradas com o Mundo, se seguem grandes desgraças; aos infortunios padecidos com Deos se seguem as maiores bema venturanças: do Paraiso da terra passou Adãõ para a Cruz da arvore da sciencia; de hũa Cruz no Calvario passou Dimas para o Paraiso da eterna vida; os males padecidos por Deos, sãõ mais para estimar, que para sentir; os bẽs dados pelo Mundo, sãõ mais para sentir que para estimar: nos males que se padecem por Deos se a natureza se aflige, o espírito se consola; nos bẽs que se lograõ no Mundo se a natureza se alevia o espírito se corrompe; os que se lograõ do Mundo tem mais de que se afligir, do que com que se consolar; porque alem de que no Mundo mais he o que molesta, do que o que

deleita, tem o Mundo que os afflige, & não buscão á Deos que he só o que consola: os que padecem por Deos tem mais com que se consolar, do que com que se affligir, porque ainda que tẽhãõ todo o Mundo para a sua afflicção, tem para sua consolação a Deos todo: tão impossivel he acender o fogo na agoa, como compungirse o coração na alegria; se as felicidades são origẽs das culpas, & as calamidades das compunções, melhor nos estãõ os infortunios que as felicidades; se estas nos corrompem, & aquelles nos emmendãõ, mais devemos ás q nos emmendãõ, que ás que nos corrompem: de melhor condição ficou o pobre Lasaro que o Avarento rico, porque a pobreza meteo áquelle no Ceio de Abrahão, a riqueza subverteo a este no centro do Inferno: os amigos de Deos mais vezes estãõ em Golgotha que no Thabor; porẽm bebendo o Calix chegãõ a saciar-se de glória; quem não exercita a paciencia quebra a sua Crus; quem desfalece na tribulação, despedaça a Cithara; pisa felicemente as brasas, quem sofre constantemente as penas; quer Deos que caminhemos pelos espinhos para colhermos as flores; quer que subamos ao solio de ouro pelos degraos de ferro; a tribulação he escada por onde se sobe ao Ceo: reclinado sobre hũa pedra dura vio Iacob a escada que da terra sobia ao alto firmamento; cada afflicção que sofremos com paciencia, he mais hum degrao que sobimos para a gloria; & não sãõ degraos por onde se sobe, são portas por onde se entra; não ha consa
tão

tão felice como hum justo infelice; não ha cousa tão infelice como hum injusto felice; como peccador felice está Deos irado, com o justo infelice está Deos benevolo: por isso Abel foi morto, Noe despresado, tentado Abrahão, Iacob afluído, vendido Iosepb, empenhado Benjamim, David perseguido, Isaias serrado, Tobias cego, Ezechiel captivo, Daniel condemnado ao lago dos leões, Iob açoutado pelos demonios, Abdenago metido na fornalha de Babylonia: nestas angustias passarão a vida, & por estas angustias passarão á bemaventurança; he emfim a tribulação Crus dos justos, & dos peccadores, com esta differença, que os peccadores atribulados são crucifixos na Crus de Dimas, os justos afligidos são crucifixos na Crus de Christo; não se lastimem pois os justos de se verem afligidos, agradeção os peccadores verem se atribulados, porque a estes se purifica a culpa, áquelles se acrescenta a gloria.

Ultimamente sentindo a commoção do Reino, a pena de ElRei, a indignação do Princepe, a ausencia da thia, o sobrefalto das religiosas, ainda que não fes algum abalo a sua constancia, sentio a sua natureza hũa grande oppressão; foraõ muitas tantas penas para hum fogeito tão debelitado, supposto que o spirito estava prompto, a humanidade se sentio enferma: poucos dias depois de o Princepe a deixar escandalosamente agrayada,

estava gravissimamente doente ; os pesares que se havião oprimido no coração, rebentarão em postemas pelo corpo, a que se seguiu hũa febre ardente que depois passou a continua, & descobrindo-se outros males complicados, resolverão os Medicos, que se se não abstivesse das abstinencias, se não deixasse de comer peixe, se não tornasse a vestir linho, se não melhorasse o proprio tratamento, estava em evidente perigo de padecer hũa enfermidade incuravel.

Procurando os divinos auxilios, & valendo-se de todos os meios humanos, recorrerão as Religiosas a Deos com orações, & penitencias; & como elle ouve piedosamente a quem devotamente o roga, fázou a Princesa tanto contra os prognosticos da medicina, que pareceo que não fora a cura humana: cobrando porèm saúde ficou com tal fraqueza, que duvidando-se o corpo em que se sustentava o alento, se imaginou que o espirito era o q̄ sustentava o corpo: sentia a Princesa ver-se naquelle estado, porque lhe impedia o em que tanto solicitara ver-se: era acabado o anno do noviciado, & desejava fazer profissão, porèm a necessidade de se tratar como doente lhe contradizia o ser Religiosa, & entre o desejo de professar, & o escrupulo de o fazer padecia a maior angustia.

gustia, não sabendo que sahida daria ao aperto em que via o coração, entre seu intento, & a sua impossibilidade, posta como Susana entre as angustias não sabia eleger como Susana.

Valendose ElRei deste accidente, mandou a algũs Prelados que lhe persuadissem não fizesse profissãõ; obedeceraõ elles com sancto zelo, intimandolhe que pois temerariamente arriscava a vida, manifestamente encarregava a consciencia; como a Princesa era taõ prudente, vendose indecisa em materia taõ relevante, não quis fiar de si. Resolução taõ consideravel; & chamando o Padre Frei Antão de Sancta Maria Vigairo geral da Observancia, de cujas grandes virtudes fasem notaveis memorias as scripturas de aquelles tempos, como a Varaõ que estimava por veneravel lhe deu conta das preplexidades de sua alma, & lhe pediu que as consultasse com outros Religiosos de prudente virtude, animo livre, & religiosa doctrina, sem que o entenderem o que desejava, bastasse para lhe dizerem o que queria; porque consultava o juizo livre, & não pretendia a approvaçãõ lisongeira: os Princepes que dizem o q̃ desejão, determinãõ, & não consultãõ.

Só Deos não necessita de conselho, o Principe necessita.

fita delle mais que qualquer outro homem: Salamão para
 ser insigne Rei escolheu sciencia infusa, observava a to-
 dos os Sabios, de todos aprendia: Micheas vio a Deos
 aconselhando-se com os Anjos: não he adherente do maior
 poder o maior entendimento; necessita do maior entendi-
 mento o maior poder; se a sabedoria he o Principado da
 fortuna, dominará a fortuna quem reinar com sabedoria:
 base de instruir o juizo para se segurar a felicidade; hũa
 cabeça coroada ha mister hum coroado entendimento; nin-
 guem se deve fiar só dos seus dictames para ordenar as
 suas acções, entendimento tinha David, & pedia a Deos
 que lhe desse entendimento: a nenhum Principe lhe basta
 o proprio, são-lhe necessarios os alheos: he insensato quem
 não faz do entendimento alheo a propria providencia; a si
 se prejudica quem se não aproveita de outrem; com Deos
 fallava Moyses, & ainda assi se aconselhava com Ietro;
 Saul foi bom em quanto se aconselhou com Samuel; Ioas
 governou bem em quanto governou com Ioaida; acertou
 Urias porque seguiu a Racaad: experimentado ficará o
 conselho do Principe inexperto aconselhando-se com o Va-
 rão experimentado; serio será o entendimento do Prince-
 pe moço consultando ao Varão serio: errou Reboão porque
 seguiu os moços; perdeuse Amasias porque se não conse-
 lhou com o Propheta; não houve Principe grande que não
 tivesse conselheiro sabio; David teve Natão; Oseas Za-
 charias; Ezechias Isayas; Iosias Jeremias: o pedir conse-
 lho

Ibo não he inferioridade do juizo, he sublimidade da sciencia; o melhor saber, he saber aconselhar : se se não tem por defeito da sabedoria o pedir tributos; porque se ha de ter por falta da Magestade o pedir conselhos ; a petição daquelles pôde ser injuria, o rogo destes, sempre he rasão; os conselhos podem fazer que se não lancem tributo, os tributos não podem fazer que se não necessite de conselhos; estes fazem thesouro da sabedoria , aquelles fazem erario da riqueza ; E esta a respeito daquella he barro em comparação do ouro; a riqueza successivamente consume; a sabedoria perennemente cresce ; aquella extingue-se com o uso, esta com o uso se augmenta; peção pois os Princepes os conselhos pois pedem os tributos; porém ainda que consultem, não he obrigação que sigão; se o Principe que pedio o conselho se obrigar ao seguir , logo que fas o rogo perde a Magestade, E transfere o real juizo no arbitrio alheo, devendo somente o juizo alheo expor-se ao real arbitrio; os Princepes hão de ouvir para ponderar , hão de ponderar para eger, E ficando a eleição em seu arbitrio , fica em seu ser a Magestade; se a Magestade com pedir o conselho ouvesse de perder o juizo , seria o consultar hum genero de enlouquecer : se os Princepes se cuvessem de sogear totalmente aos conselheiros , reinarião os conselheiros, E servirião os Princepes; se estes estiverão obrigados a seguirem os Tribunaes serião os Tribunaes seus tyrannos: hum politico disse, que hum parlamento se erigira pa-

ra que os Reis não fossem tyranos dos Vassallos; & com
 isso se fiserão os Vassallos tyranos dos Reis: digão os Tri-
 bunaes aos Princeses o que entendem, não o que querem;
 aconselhem, não pela vontade, mas pelo entendimento; si-
 gão os Princeses, não o que querem, mas o que entendem;
 deliberem pelo entendimento, não pela vontade; quem
 aconselha o que quer, não o que entende, não aconselha,
 engana; quem manda, não o que entende, mas o que quer,
 não impèra tyranisa: daquelle sorte devè ser os Princeses q
 imperão; daquelle os Vassallos q acõselhãõ; para q os cõse-
 lheiros sejam estes, devem ter authorisada graduacão, se-
 gredo incorruptivel, officiosa modestia, virtuosa constan-
 cia, reverente liberdade, sabia experiencia, deliberação
 sincera, verdade pura, generosidade desentereçada; se a
 graduacão não for authorisada, não será veneravel a sen-
 tença; se o segredo se fiser publicidade será desanimado o
 conselho; se a modestia for encolhimento, não será sufici-
 ente o voto; se a constancia não for virtude, será prejudi-
 cial a obstinacão; se a liberdade não for reverente, será
 indecoroso improprio; se a experiencia não for sabia, será
 experimentada inutilidade; se a deliberação não for syn-
 cera, será a ambiguidade cavilosa; se não for generoso o
 desentereesse, será venal o arbitrio; finalmente o conselhei-
 ro ha de seguir a fortuna do Principe que o consulta; por-
 que quem não houver de seguir a sua fortuna, não o pôde
 aconselhar com boa fê; & os Princeses não hão de retra-
 tar

tar com os adutores os negocios que tratarão com os sabios; mas primeiro que tudo para se acertar, se deve consultar a Deos; porque só o que com Deos se consulta, se acerta.

Teve ElRei noticia que se fazia esta Junta, & porque se fizesse com maior authoridade quis assistir na Conferencia; acharaõse nella com o Vigairo geral os mais doctos Varoẽs da Provincia da Observancia, & da Religião Dominica; & sem discrepancia resolverão que pois a Princefa tinha tão debil compleiçãõ, & se achava tão enfraquecida da doença, que era impossivel satisfazer aos encargos da Religião, sem evidente perigo da vida, em consciencia estava obrigada a não professar, & que o Vigairo geral lhe fosse dar cõta de que esta era a resolução que se tomara com uniformidade, & ella não podia deixar de seguir sem scrupulo: ouviu a Princefa a este desengano com hũa humilde resignaçãõ, & hũa alma atribulada, que obedecendo á rafaõ alhea sentia frustrar selhe o proprio intento; & logo com submissões, & lagrymas protestou que, ainda que não fazia profissãõ, pois não podia ser Religiosa ficaria recolhida, & assi se conheceria que suas determinações não foraõ levemente tomadas, pois só

eraõ superiormente desuadidas.

Em testemunho de que desistia da pertendida profissaõ chamou a Priorisa ao seu oratorio, & em sua presença desprio o habito com muitas lagrymas; as que chorou de alvoroço quando o tomou, chorou de saudade quando o desprio, sendo hũas, & outras sacrificios do coração, ou enternecido do gosto, ou quebrado de dor; dobrouo depois de o despir, & beijandoo, o pos sobre o altar sentindo como a morte despiremlhe o habito; rafaõ tinha para não despir a mortalha a que se reputava por morta.

Despido o habito se cobriu com hũa mantilha, & se mostrou pelo Convento; passadas aquellas horas que lhe pareceraõ sufficientes para cõstar que sem intentos de Religiosa, estava nos termos de secular, tornou ao oratorio acompanhada de toda a Comunidade, & em sua presença ratificou a promessa que havia feito quando desprio o habito, & tomandoo nas mãos, pondoo nos olhos o abraçou, & o vestio com tanta ternura, & alvoroço, como se o recebera, ou professara, & chea de devoção lhe disse.

Bem conhecia eu [habito santo] que não merecia traservos, nem por vestido, quanto mais por profissaõ; a minha doença foi causa de que vos des-

despisse, & muito maior o era a minha indignidade, mas pois eu não pude professar por indigna eu vos prometo de vos não despir ainda que secular, & olhando para as Religiosas continuou dizendo: Já que Deos não foi servido que chegasse a professar, ao menos não deixarei de vos servir; & em quanto esta alma animar a este corpo, tão para pouco, que me inutilizou para tanto, se não faço profissão de Religiosa, faço profissão de vossa captiva: não podem deixar de ser servos de Deos aquelles, que sendo Senhores pela origem se fazem servos pela humildade.

Assi o prometeu, & o fez a Princesa, & como se ficara mais obrigada com a liberdade, deixando a profissão do habito, continuou o rigor da Religião, excepto a abstinencia da carne, que então começou a comer por remedio; mas como as forças estavam tão perdidas, não ouve algum, com que podessem ser recuperadas.

Souberão ElRei, & o Principe, que a Princesa por causa da doença deixara de fazer profissão, & sentindo a causa, estimaraõ o effeito, & resolverão, que pois não era Religiosa devia ser tratada como quem era, & em ordem a isso lhe derão as rendas da Villa, & quasi todo o distrito de Aveiro com a sua jurisdicção; porém ella não
 acci-

aceitou esta ; não quis titulo de grandesa , a que recusava o poder por humildade , & distribuindo tudo , em proveito dos pobres , em beneficio do Convento , em honra de Deos , sustentava Clerigos de vida exemplar , que como Capellaes da Real Capella , vinhão celebrar os officios divinos na Igreja do Convento , com o que mais vinha a ser dispenfeira do que tinha , do que senhora do que se lhe dera ; mas então o lograva melhor , quando melhor o distribuia ; porque se humanamente se tem as riquezas que se dão aos amigos , divinamente se logrão as que se dão a Deos , sendo celestial a retribuição da distribuição humana.

Acabada esta tribulação começou outra maior , ou porque os trabalhos não vem fós , ou porque Deos não costuma provar os seus com hūs fós trabalhos : hūs padeceo Job successivos aos outros , ferindo os golpes as feridas.

Entrou o anno de quatro centos & sesenta & nove , & ateandose hũa grande peste no Reino , chegou o incendio á Villa de Aveiro ; grandes devião de ser os peccados , pois a innocencia da Princeza não evitou os castigos.

Parece que tem immuniidade para o castigo o lugar

em que se exercita a virtude: mandou Deos ausentar ao innocente Lot para abraçar os culpados de Sodoma; dispos que tirassem a Daniel do lago dos leões, para que elles despedaçassem os Satrapas; disse a Arão, & a Moyses, que se separassem os filhos de Israel, para castigar a Datão, & Abirão; tanto que a mulher do Apocalipse voou para o deserto, logo a inimiga serpente fes guerra no povoado; fica de todo desamparado o peccador que se não chega á companhia do justo; se aos bõs lhe convem communicar com os bõs, muito mais convem aos maos, ainda que a virtude do sancto faça maior a culpa do peccador, sempre ao peccador lhe he util a companhia do sancto; poderá duvidar o ajustado de se chegar para o injusto; porque Iosaphab se prejudicou com a companhia de Achab; porém não tem o injusto razão para fugir do ajustado; porque a companhia de Lot livrou do incendio toda a sua familia; a mesma razão que persuade que os peccadores se cheguem para os justos, exorta aos justos a que lancem de si os peccadores; porque ainda que a estes lhe podem aproveitar aquelles, áquelles lhe podem prejudicar estes; muitas vezes na companhia dos maos são temporalmente castigados os bõs: não tendo Daniel parte nos peccados de Hyerusalem, teve parte nos castigos de Babilonia; disse o Propheta a Amasias que não fosse no exercito de Israel; porque Deos não andava com os filhos de Ephraim; esteve Tobias condemnado á morte por Sennacherib,

cherib, porque habitava com os peccadores de Ninive; perderãose os Machabeos, porque se associarão com os Romanos; alem de que não he o maior mal incorrer nas penas, não havendo comettido as culpas, o maior he ser mais poderosa a companhia má para os maos, que a companhia boa para os bõs; como a natureza humana he mais propensa à subversão que a conversão, & mais facil he perverterse a virtude em vicio, do que converterse o vicio em virtude; ordinariamente o sanctificado não sanctificou o impuro, o impuro contamina o sanctificado; quasi he milagre haver hum bom na companhia dos maos; por isso Deos encareceu a Abrahão o tirallo de poder dos Caldeos; he bemaventurança que quem anda na via dos peccadores, não se assente na cadeira da peste; no excidio de Hyerusalem fugirão os Anjos puros da companhia dos homẽs impuros; reputouse David por de impura boca, porque habitava no povo de boca impura; alem de que acrescentase a gloria ao bõ, quando elle se separa do mau; começou Deos a ser sanctificado quando Judas se sabio do Collegio; depois que Lucifer foi precepitado do Ceo, louvarão os Anjos mais a Deos; considerando porém a segurança do ajustado com o aproveitamento do perverso; como o justo não chegar para si o peccado bem pôde não lançar de si o peccador; ha o de tratar não para o seguir, mas para o converter; ame o peccador como a seu proximo, aborreça o peccado como ao injusto, & assi tratará o pec-

peccador em ordem à conversão alheia, & se haverá com o peccado sem o perigo da perversão propria: o zelo bom irase com os vicios, não com os viciosos; aborrece os peccados, não os peccadores: S. Francisco Xavier aborrecia o jogo, & jugava com o taful, perdendo o blasfemo o vicio lhe ganhou a alma: S. Paulo para converter os Iudeus, se portava como Iudeu: por lhe alimentar os espiritos, comia Christo Senhor nosso com os peccadores.

Sabendo ElRei, & o Princepe, que aquelle povo estava inficionado do contagio, & a Princesa com o risco da infecção, ambos lhe escreverão que se fosse para outra parte, ordenando aos Bispos de Coimbra, & do Porto, & a algũs Senhores que vivião naquelle destrito, que fossem em sua companhia; mais sentia a Princesa a ausencia do Convento, que o risco da peste; porque amava aquella companhia mais que a vida, & como sabia o desgosto que ElRei tinha do seu recolhimento, receava que se o deixasse, lhe não consentirião que o repetisse; & assi replicou às instancias com rogos; porèm como o mal não cessou, teve ordem de ElRei para se ausentar; & porque não imaginasse que o cuidado que justamente tinha de sua pessoa era intento de a tirar cautelosamente da Religião, lhe escreveu que em

Z

qual.

qualquer Villa nobre que determinasse, lhe edificaria Mosteiro em q̄ vivesse, & se quisesse em Lisboa feria no de S. Vicente de fóra ; porque com esta tenção impetrara licença da Sè Apostolica para o habitarem Religiosas : porèm a Princeza não aceitou a mudança do lugar ; porque fugia da assistencia da Corte.

A ordem expressa, & à suave persuasão de El-Rei se ajuntarão as instancias, & os conselhos dos Prelados, o que tudo obrou tanto , que a Princeza não resistiu, & deixou o Convento com húa fauldade igual ao gosto com que entrou nelle, sentindo como a morte aquella ausencia; porque só na sua habitação lograva a vida; acompanharaõna a Prelada, cinco religiosas, & duas pupillas; ou porque assi pareceu conveniente , ou porque como não podia ficar no Convento, quis levar consigo parte delle : com as que ficavão fes extremos de faudades, parecendo não só que se apartava , mas que se dividia, abraçando a todas chorava com cada qual, como se fossem irmãs ; a charidade se tinha tornado em sangue, ou he maior que a afeição do sangue a da charidade; spiritualmête emparentaõ as almas que se conglutinão: não sendo parentes , mais eraõ que irmãos Ionatas , & David.

Ficando finalmente pelo amor, quando se partia pela ausencia se meteu a Princesa com a Priorisa em hũa liteira, as mais companheiras em hũa carreta, & acompanhadas dos Bispos, & dos Senhores que ElRei tinha ordenado, & do Vigairo geral da Observancia, tomarão o caminho do Alentejo; em qualquer lugar a que chegavão, se nelle se havião de deter algum dia mandava separar casa, & levantar oratorio, donde com as religiosas refava as horas canonicas, sem faltar algũa Cerimonia da Comunidade; desta sorte continuou aquelle peregrino Convento a sua peregrinaçãõ por largo tempo, & a Princesa lhe chamava o seu desterro, porque sò o Mosteiro tinha por domicilio.

Porque a hũas magoas succedem outras, & naquella peregrinaçãõ se sentisse a maior pena, foi Deos servido tirarlhe o maior alivio; para que a Princesa ficasse mais peregrina, quis que ficasse mais solitaria, levando para si hũa das seis religiosas, & a Priorisa Brittes Leitoa; bem prognosticou esta, quando se apartou do Convento, que edificara com suas mãos, que o não havião de ver mais seus olhos, sahindo d'elle com taõ copiosas lagrimas, que não sò foraõ lastimoso deluvio de saudades, mas anticipado pranto de suas

exequias ; depois de corridos muitos lugares, adoeceu de febre na Villa de Avis, & em razão do sitio parecer mais saudavel a mudança para a de Abrantes ; como esta mudança fosse no estio, o tempo, & o abalo acrescentaraõ a doença, & o perigo, servindo para o damno o meio que se buscava para o remedio ; chamandoa Deos para si, foi como quem hia chamada por Deos, pondo fim ao desterro em que andava no Mundo, & ao que padecia fóra do Mosteiro ; assistiolhe o Vigairo geral da Congregação com outros Religiosos de authoridade, & todos notarãõ que fora tão suave a morte que parecera transito glorioso, & que na ultima hora, antes de seu falecimento se lhe vio hũa alegria tão admiravel, que se julgou anticipada gloria: sendo cousa natural interriçar ao corpo defunto a morte fria, as mãos, & os braços lhe ficarão tão meneaveis como se estiverãõ vivos, vendo se em todas as ultimas acçoões de aquella vida virtuosa pios sinaes de que era gloriosa a morte; que morria no Senhor com que vivera, & hia lograr os premios nas eternidades da bemaventurança : assi morre quem assi vive : assi renasce quem assi morre.

Dous annos ao diante, sendo Priorisa sua filha foror Maria de Atayde, se trasladarão seus ossos

fos da Villa de Abrantes para a de Aveiro, dando-lhe piedosamente a sepultura aquella, a que tinha dado maternalmente a vida: foi collocada no choro inferior debaixo de humilde campa, a que a humildade fará mais insigne, em quanto se ler o titulo de fundadora daquelle Mosteiro, no Epitafio de sua sepultura.

Sentio a saudosa Princesa a sancta morte da bemaventurada Priorisa com grande, porém catholico sentimento; o havela amado, como a mãe, & venerado como a Prelada, lhe fazia sentir a sua morte, como de hũa Prelada, que era mãe; o crer piamente que estava gosando de Deos, aliviava christãmente a sua saudade, julgando que (sendo commua a morte à natureza) não era para sentir a de aquelles que morrem no Senhor; porque o fim da vida he principio da bemaventurança.

Os Lydios determinarão que os homẽs que choravão chorassem em trages de mulheres; por taes se reputavão aquelles que choravão os mortos: tambem os Stoicos não admittirão, nem os lutos, nem as lagrymas; mas não são prohibidas aos Catholicos, nem as logrymas, nem os lutos: Maria, & Martha chorarão na morte de Lasaro: Christo Senhor nosso chorou vendo chorar a Martha, & Maria:

ria: deve porém ser o choro moderado, por isso o do mesmo Senhor nesta occasião não foi pranto; entre o pranto, & o choro ha aquella desigualdade, que ha entre a moderação, & a immoderação: quem chora sente; quẽ prantea desatina; & os Catholicos hão de sentir, não hão de desatinar; a inutilidade do pranto, o damno da pena, a necessidade da morte, a esperança da resurreição pedem que as lagrymas sejam sentimentos, & os lutos não sejam desatinos; não sentir não he de homẽs, não sofrer não he de Varoẽs; esta sentença pertence a hum, & outro sexo, ainda que os corpos femininos são mais debeis, as almas são as mesmas; não sentir não he de mulheres, não sofrer não he de heroínas; as mortes hão se de sentir humanamente, mas hão se de aliviar catholicamente; o que magoar a natureza, ha de consolar o spirito; de outra sorte he consentir que prevaleça a parte inferiormente irracional a immortalmente superior; quem sem consolação lamenta a morte, parece que com desesperação duvida da immortalidade; a brevidade da vida alivia se com a eternidade da alma; quem tem alma com que se aliviar, não lhe deve a saudade de hum cadaver dar que sentir; porque he estimar mais que hũa joia a sua caixa; sendo aquella de inextimavel preço, & esta de caduca estimação; quem prefere o corpo á alma, ante poem o caduco ao divino: considerou hũ Genticio, para se aliviar na morte de outro, que as almas erão mortaes, ou immortaes; se erão mortaes não havia que